

## **Das imagéticas nacional-brasileiras e suas versões: identidades e diferenciações nas representações de normalistas em formação superior**

*Helena Ponce Maranhão*

hspm@rjnet.com.br - IPHAN/MINC<sup>1</sup>

### **Resumo**

Imagens de “o Brasil e os brasileiros” – concernentes a sua história, sociedade, cultura, natureza etc. – constituíram foco privilegiado da investigação sumariada neste artigo. Identificou-se, para tanto, quais sistemas de valores e/ou de significados assumem maior ou menor proeminência a partir da análise de representações docentes e/ou discentes. Examinou-se assim a natureza das categorizações (isto é, dos registros discursivos) referidas às conformações identitárias brasileiras e suas especificidades no contexto contemporâneo; bem como relações com a diferenciação sociocultural. Esses processos interpretativos esquadriados – os quais são engendrados e compostos na complexidade de dinâmicas históricas, culturais, ideológicas, educativas etc. constitutivas aos contextos das sociedades abrangentes, aos seus enfrentamentos grupais, as suas políticas identitárias; foram, em particular, acercados sob a ótica de assimilações dos agentes pesquisados. O grupo estudado é constituído de (85) universitários/as matriculados em cursos de formação de professores. Ou seja, é composto de professoras(es) do ensino fundamental – também graduandas(os) em Pedagogia – e de licenciandos(as) e/ou professores(as), inscritos em cursos de Licenciatura. Suas concepções foram recolhidas por meio de grupos focais e composições individuais estimuladas pela questão: “*Se o Brasil fosse uma pessoa, como o descreveriam?*” Entretanto, o foco analítico apresentado neste artigo incide, sobretudo, nos modos de significação ou representações sociais de professoras com formação média para atuar no ensino fundamental e que estavam matriculadas, durante 1º semestre de 2001, no 5º período do Curso de Pedagogia oferecido por unidade universitária especialmente voltada à formação docente. Logo, a análise deter-se-á neste subgrupo composto de 18 graduandas e/ou normalistas.

**Palavras-chave:** Imagéticas Nacional-Brasileiras. Políticas Identitárias. Formação Docente.

### **National – brazilian imagetics and their versions: identities and differentiations in representations of university level teacher training students**

#### **Abstract**

Images of “Brazil and Brazilians” – related to its history, society, culture, nature etc. – were the main focus of the investigation summarised in this paper, identifying which value systems and / or meanings are of greater or less significance through an analysis of the representations of faculty and / or students. It thus examines the nature of these categorisations (meaning the discursive records) related to the conformations of Brazilian identities and their specific characteristics within the contemporary context,

---

<sup>1</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

as well as relationships with socio-cultural differentiations. These neatly-aligned interpretative processes – which are engendered and composed in the complexity of the range of historical, cultural, ideological and educational dynamics that shape the contexts of broad-ranging societies – their group face-offs and their identity policies have been clustered together, mainly from the standpoint of assimilation by the agents being researched. The group under analysis consists of 85 male and female university students enrolled in teacher training courses. It thus consists of male / female primary school teachers – also graduands in Education courses – and graduands and / or teachers enrolled in Teacher Training courses. Their conceptualisations were collected through focus groups and individual compositions stimulated by the question: “*If Brazil were a person, how would you describe it?*” The analytical approach presented in this paper addresses mainly the modes of social representation or signification of teachers with medium-level training, working with basic education and enrolled in the fifth semester of the Teacher Training course offered by a specialised teacher training university college during the first six months of 2001. The analysis thus focuses on this sub-group, consisting of eighteen graduands and /or students in teacher training courses.

**Key words:** National – Brazilian Imagetics. Identity Policies. Teacher Training.

### 1. *Dos focos investigados: contornos e projeções*

Imagens de “o Brasil e os brasileiros” – concernentes a sua história, sociedade, cultura, natureza etc. – constituíram foco privilegiado da investigação ora sumariada. Identificou-se, para tanto, quais sistemas de valores e/ou de significados assumem maior ou menor proeminência a partir da análise de representações docentes e/ou discentes. Examinou-se assim a natureza das categorizações (isto é, dos registros discursivos) referidas às conformações identitárias brasileiras e suas especificidades no contexto contemporâneo; bem como relações com a diferenciação sociocultural.

Esses processos interpretativos esquadrihados – os quais são engendrados e compostos na complexidade de dinâmicas históricas, culturais, ideológicas, educativas etc. constitutivas aos contextos das sociedades abrangentes, aos seus enfrentamentos grupais, as suas políticas identitárias; foram, em particular, acercados sob a ótica de assimilações dos agentes pesquisados.

O grupo estudado é constituído de (85) universitários/as matriculados em cursos de formação de professores. Ou seja, é composto de professoras(es) do ensino fundamental – também graduandas(os) em Pedagogia – e de licenciandos(as) e/ou professores(as), inscritos em cursos de Licenciatura. Suas concepções foram recolhidas por meio de focalizações grupais (grupos focais) e de composições individuais estimuladas pela questão: “*Se o Brasil fosse uma pessoa, como o descreveriam?*”<sup>1</sup>.

Entretanto, o foco analítico apresentado neste artigo incidirá, sobretudo, nos modos de significação ou representações sociais de professoras com formação média para atuar no ensino fundamental e que estavam matriculadas, durante o 1º semestre de 2001, no 5º período do Curso de Pedagogia oferecido por unidade universitária especialmente voltada à formação docente. Logo, a análise deter-se-á neste subgrupo composto de 18 graduandas e/ou normalistas.

Não obstante, os demais subgrupos então focalizados e formados por: graduandas/os em Pedagogia (3º período) e licenciandos/as em Letras nas áreas de português e literatura ou português e inglês (1º, 3º e 4º períodos) – que estavam também freqüentes nesta faculdade no 1º semestre de 2001; constituem referências relevantes não só por circunstanciar este esforço de investigação, mas permitir cotejamentos dentre o conjunto universitário estudado.

Considerou-se, deste modo, sujeitos que, no momento de recolhimento do material pesquisado, estavam exercendo, em vários casos, papéis simultâneos de docência (isto é, no sistema escolar básico<sup>ii</sup>) e de discência no cumprimento de sua formação em nível superior, conforme requisitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em vigor. É, pois, nesta medida que se situa o conjunto descritivo-analítico em tela num ‘entreato’ a configurar representações docentes e discentes.

Analisar tais concepções constitui questão de particular pertinência por serem estes sujeitos (junto com os educandos) essenciais ao desenvolvimento do processo educativo escolar. Processo esse social e culturalmente imbricado porque nele estão implicados sentidos ou significações da linguagem (quanto à materialidade e a *discursividade* sócio-históricas manifestadas neste objeto lingüístico e cultural), práticas simbólicas e dinâmicas identitárias que produz, implementa e/ou reproduz.

A proposição deste objeto de análise “... *coloca como base a noção de materialidade, seja lingüística, seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, passível de explicitação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história*” (ORLANDI, 1996, p. 25), visando, pois, enfatizar as essenciais relações entre representações, poder, cultura em suas incidências socioeducacionais.

Elementos simbólicos recorrentes e com certo grau de invariância emergiram (tal qual presumido); denotando padrões socioculturais orientadores de condutas coletivas bem como aspectos relativos à constituição de *identidades e imaginários sociais* e das *matrizes* psicossociais e político-ideológicas que os informam.

Emprega-se, portanto, estas expressões no plural visto que não é cabível pressupor, em especial nas sociedades contemporâneas, a configuração de exclusivo referencial na instituição imaginária e identitária. Contudo, foi observável predominância de

determinados elementos simbólicos que (sendo nucleares) delineiam expressão coletiva à identidade e ao imaginário que a molda, permitindo, assim, problematizá-los na dimensão nacional pleiteada.

Mas como a identidade “... resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social”. Caracteriza a identidade o “... caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações...” (CUCHE, 1999, p. 192). Logo, a abordagem desta problemática implica reconhecer, examinar ou ainda trabalhar *com* e *em* suas complexas plasticidades.

Desde a discussão da natureza das categorizações (isto é, dos registros discursivos) relacionadas à conformação de elementos identitários nacionais e suas especificidades no contexto contemporâneo bem como das relações com a diferenciação sociocultural, procurou-se inquirir de que maneira a *tensão entre diversidade e homogeneidade* está sendo incorporada nestas versões (ou seja, expressadas pelos sujeitos focalizados) e quais são os *equacionamentos* propostos.

Em vista das chamadas abordagens “*multiculturalistas*” – que se pretendem engajadas numa renovação pedagógica de projetos escolares ou de maior extensão social<sup>iii</sup> – problematizar esta *tensão* constituinte aos processos identitários assume proeminência: seja para avaliar representações docentes com suas presumidas incidências no contexto escolar, seja para realizar um exame crítico das versões forjadas na história e na sociedade brasileiras para conformar um ‘nacional e suas identidades’.

## 2. *Entre a homogeneidade e a diversidade: a propósito das versões do ‘nacional’*

Essas questões empírica e conceitualmente interligadas são de particular importância para pensar imagens de “o Brasil e os brasileiros”. Sociedade que, desde sua criação, tem sido reconhecida e se reconhece como *peculiar conformação identitária de elementos diversos em sua origem*. Portanto, seu ‘*imaginário nacional*’ sempre foi constituído pela idéia de diferenças ou diversidades (‘raciais’, étnicas e/ou culturais), mesmo se avaliadas como características mais ou menos negativas ou positivas.

Tais versões com variadas concepções de imaginado ‘*caráter nacional*’ (cf. LEITE, 1983) ora depreciam a ‘pluralidade racial’ na formação histórico-social e atribuem, dentre suas conseqüências, o “atraso político, cultural e econômico”, ora afirmam o estabelecimento da “democracia racial”, ora valorizam a “mestiçagem racial e

cultural”. Assim quer depreciada quer valorizada, tornou-se inegável: a diversidade é questão posta nessa construção imagética.

## I

Dessa matizada discussão da formação brasileira, inicia-se por citar perspectivas confrontantes a primeiras versões desqualificadoras de sua matriz demográfica (não seguindo, pois, no rigor à ordem cronológica do aparecimento destas manifestações no cenário interpretativo nacional).

Eis que proposições de Gilberto Freyre (1933/1999) e Darcy Ribeiro (1980; 1995) revalorizam (isto é, enfocam como elemento que cabe positivar) a diversidade “racial” e cultural e a *‘originalidade desta civilização mestiça’* em suas análises sobre a sociedade brasileira.

Não obstante, cabe notar a penetrante crítica de DaMatta (1981, p. 84-85) ao que classifica de *“racismo à brasileira”* – ponderando, ainda, suas incidências nos argumentos recém-citados – por exemplo: *“A noção de raça (...) tem um valor socialmente significativo até hoje (...) Entre nós, o conceito passou a ser, como o sistema que o abriga, totalizante...”*.

Deste modo, na conceituação social elaborada no Brasil: *“... ‘raça’ é igual a etnia e cultura (...) e assim tem uma dada ‘natureza’. É claro que essa é uma elaboração cultural, ideológica ...”*. E se possibilita contornar (ou até elidir) questões cruciais permite, porém, discutir *com* e *quanto* uma *“ideologia racial às avessas”* – que julga omitir sua existência e assim negar a si própria – espelha também, nesta inversão, imagens interpretadas do “racismo europeu e americano”.

Ao englobar em restritos termos predominantemente ‘raciais’, sem sequer discutir as relações envolvidas *“... reificamos um esquema onde o biológico se confunde com o social e o cultural, permitindo assim realizar uma permanente miopia...”*. Pois se concebemos o *mundo social* como se fosse *“... determinado por motivações biológicas, desconhecidas de nossas consciências, pouco ou quase nada há para se fazer...”* (DAMATTA, ib.).

Se posicionamentos de Ribeiro (1970) incitariam relativizações nessa problematidade, não puderam, contudo, dela deixar de ancorar. Apesar de contemplar apropriadamente às identidades étnicas e suas permanências; não conseguiu evitar à reincidência histórico-ideológica de parâmetros ‘raciológicos’.

Assim, se sua adequada definição propõe: as *“entidades étnicas”* são comparativamente reconhecidas enquanto *“... categorias relacionais entre grupos humanos, compostas antes de representações recíprocas e de lealdades morais do que*

*especificidades culturais e raciais*”. Encerra, porém, a seguinte observação: elas por sua vez “... *sobrevivem à total transfiguração de seu patrimônio cultural e racial...*” (cf. RIBEIRO, *ib.*, p. 446, apud, CUNHA, 1983). Recai, portanto, na prevalente teia “racial”.

Por outro lado, deve-se atentar: se tal doutrina ‘racial-cultural’ é mais uma forma de “ideologia social” e a análise sócio-antropológica está envolvida na compreensão do social e este é histórico; é, pois, nesta justa medida que campos de significação, *reelaboração* e reinvenção se alteram, mudam e até se transformam na história e na sociedade.

Mesmo que estejam no âmbito analítico da relação “raça e cultura”, essas abordagens (como de Freyre e de Ribeiro) delineiam-se em confronto à forte influência de interpretações depreciativas deste aspecto nacional: a ‘pluralidade racial’.

Contrapõem-se as “teorias raciológicas” (“raça, meio e clima”) – representadas, por exemplo, no pensamento de Nina Rodrigues (s.d.; 1890; 1945), de Silvio Romero (1871/1938) etc. – e que se tornaram, especialmente, incidentes desde meados do século XIX no cenário intelectual internacional e nacional (cf., entre outros, ORTIZ, 1986; LEITE, 1983; DAMATTA, 1981; 1979).

Outrossim, nesta ótica “racial” na qual a diversidade afigura obstáculo a ser enfrentado no desenvolvimento político-social e econômico do país observa-se sua permanência adentrando as décadas de 20, 30 e 40 do século XX: perspectivas como as de Oliveira Vianna (1938; 1955) acentuam-na.

Com respeito a delineamentos em torno de um ‘caráter nacional’ e seus ‘tipos regionais’ encontram-se proposições desta ordem em vários autores que se dispuseram a pensar o Brasil e sua *gente*: “o caboclo”, “o bugre”, “o caipira”, “o sertanejo” etc. Na busca de descrever a ‘*mestiçagem nacional*’ ou ainda compor painéis literários *regionalistas* (cf. LEITE, *op. cit.*).

Enquanto “caipiras” ou “caboclos” são, para alguns, literariamente celebrados na representação de pessoas “simples”, “felizes”, “integradas na natureza” e plenas de “sentimentos delicados e até exemplares” – como o fez Menotti del Picchia em “Juca Mulato” de 1917.

Lobato, por sua vez, deu-lhes a figura do “Jeca Tatu” apresentada (em artigos jornalísticos publicados em 1914) como tipo ‘incapacitado’, dentre outros aspectos, para: o trabalho organizado, a construção e manutenção decente da própria moradia, o sentimento de pátria; sendo também “cheio de credices e de uma religião inteiramente deformada e repleta de fatalismo” (cf. LEITE, *ib.*, p. 231-232).

Nessas variadas conformações imagéticas citadas permeiam insistentemente ‘ambigüidades’ baseadas no cientificismo evolucionista que predominava, desde o final do século XIX, nas reflexões sociais.

Por exemplo, Euclides da Cunha – na parte intitulada ‘*O Homem*’ de “Os Sertões” (1902) – aprecia: o sertanejo como “*rocha viva de nossa raça*”, contrasta ‘tipos de mestiços’ (designados nos seguintes termos: “*gênese do mulato*” e “*gênese do jagunço*”) e conclui na sua célebre sentença: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral*” (cf. apud, LEITE, ib., p. 225-226).

Se nestas ‘tipologias’ reaparecem, em graus variáveis, as persistentes depreciações da ‘*diversidade racial*’ (cf. dentre outros: Silvio Romero, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato apud, LEITE, ib.), também surgem contrapontos que a reconhecem em sua positividade enquanto multiplicidade étnica e/ou cultural – tal qual defende Ribeiro (1995).

Ou como faz Freyre (1947): ao comentar diferenças ou semelhanças regionais (referindo-se aos “paulista”, “cearense”, “mineiro”, “carioca”, “gaúcho” etc.), sem relacioná-las a “características gerais do brasileiro” (cf. apud, LEITE, ib., p. 309). Pois, este está, por ele, caracterizado como “homem sincrético” porque resultante do cruzamento de culturas distintas: “branca”, “negra” e “índia” (cf. ORTIZ, op. cit. p. 127-128).

Se para Romero (e outros citados) o povo é constituído da “raça mestiça”, Freyre entrecruza o cultural nesta “miscigenação”. A concepção de “povo” mantém comparativa proximidade. Por exemplo, Romero em suas pretensões científicas define seu método como “popular e étnico” (cf. ORTIZ, ib.). Seriam, pois, meros intentos nos quais a noção de “raça” persiste ainda que travestida nas designações de “etnia” ou “cultura”?

Enfim, essas amplas influências ideológicas relativamente diferenciadas seguiram sendo disseminadas e compartilhadas, passando pelo último século e perdurando até o atual de forma mais ou menos transmutadas, manifestas ou explícitas num certo ‘*senso comum nacional*’.

## II

Em vista destas questões sinalizadas e das perspectivas contemporâneas no âmbito das identidades coletivas nacionais, bem como das repercussões de enfoques ‘*pluri, multi, inter ou transculturais*’ nas esferas educativa e escolar, torna-se não somente

interessante, mas, sobretudo, pertinente examinar atuais equacionamentos em relação às diferenciações étnicas e/ou socioculturais nas concepções identitárias brasileiras.

Se a problemática identitária nacional é entendida como específicos ‘arranjos’ históricos e político-sociais, por suposto hegemônicos, da *tensão entre homogeneidade e diversidade* que lhe é constituinte; parece apropriado e até relevante discutir representações de agentes envolvidos no processo escolar no qual ‘saberes’ constroem igualmente nos valores que ‘portam’ aos sujeitos suas significações e interpretações.

Ademais, a temática das identidades, diversidades ou diferenças (culturais, étnicas, de gênero etc.) tem se destacado seja entre pesquisadores (cf. produção acadêmica em Ciências Sociais), seja entre promotores de propostas educacionais.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), patrocinados pelo Ministério da Educação – mesmo que com abordagens simplistas, imprecisas ou estreitas quanto à complexidade dos fenômenos identitários – constituem também exemplo da atenção emergente nestas questões. Inscreve dentre seus objetivos para o ensino fundamental: “... *construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país*” (PCN, ib., p. 55).

Convém pontuar nesta asserção: anuncia-se, pois, “*construir progressivamente*” e não reconstruir – o que parece refletir mais suas extensas ambições. Subjaz nela ampla desconsideração e até desqualificação da sociedade brasileira e seu processo histórico-social – que não são nenhuma abstração, mas resultam da interação dos seus membros e grupos, incluindo assim também confrontos entre eles. Sociedade que está representada, neste absurdo sociológico, como organismo amorfo incapaz de prover elementos identitários. Sejam estes culturais, políticos, sociais ou coletivos (o que, por suposto, o termo *nacional* concerne). E até seus integrantes não seriam capazes de elaborar referências *pessoais para si!* (cf. MARANHÃO, 2000, p. 25).

Sabe-se que tais dimensões são logicamente indissociáveis à compreensão da identidade e seus processos psicossociais de estruturação. Mas, malgrado certas simplificações, é inegável: problemáticas identitárias e suas diversidades (socioculturais, étnicas etc.) têm estado presentes nas reflexões políticas, sociológicas e educacionais e nos seus projetos de intervenção pedagógica.

Enfim, identidade e diferença<sup>iv</sup> – dinâmicas que são constitutivas, complexas e mutuamente imbricadas (em especial na contemporaneidade) nas produções de ‘unidades ou homogeneidades’ e de ‘diferenciações ou diversidades’ (socioculturais, étnicas etc.) – seguem, pois, assumindo proeminência nos atuais debates políticos e acadêmicos impulsionados à inquirição de ‘heterogeneidades ou não’ em suas respectivas relatividades.



Cabe, outrossim, considerar a disseminação das chamadas perspectivas *'pluri, multi, inter ou trans culturais'*. Mais ou menos convergentes a noções que buscam (sob ótica *transdisciplinar*) tratar dos processos contemporâneos de *'hibridização ou hibridação cultural'*.

O que importaria também atentar em *'heterogeneidades multitemporais'* nas sociedades reconhecidas como nacionais. E, mormente no contexto latino-americano, ponderar sua composição populacional e sociocultural supõe acionar concepções quanto à “mestiçagem”. E não apenas sobre a geração de fenótipos a partir de cruzamentos genéticos, mas com respeito à mescla de hábitos, crenças e formas de pensamento em suas múltiplas e transversais temporalidades (cf. CANCLINI, 1998; 2000).

Lembra-se que Freyre (1933), em sua notória interpretação sobre a formação do Brasil, já se refere à sociedade nacional como “híbrida” (cf. apud. LEITE, op. cit., p. 306). Embora circunstanciada ao parâmetro interpretativo que incorpora na ‘raça’ à cultura.

Mas ao se designar formas coetâneas de “interculturalidade” por “hibridação” quer se nomear “mesclas” nas quais elementos culturais e/ou étnicos e religiosos combinam-se e estão complexamente integrados sob contemporâneos processos sociais e econômicos que, por sua vez, interligam-se às atuais tecnologias e seus produtos. Impõe-se ainda considerar: “... *um traço das estruturas simbólicas contemporâneas é o deslizamento constante entre o culto, o popular e o massivo...*”. Portanto, “... *para ser eficaz (...) é necessário atuar em diferentes cenários ao mesmo tempo, em seus interstícios e instabilidades*” (CANCLINI, 1998, p. 357; 2000).

Será que tais problemáticas estariam adequadamente traduzidas por uma concepção de *complexidade sociocultural* na qual todos sujeitos estão imersos (ou dizendo melhor, estamos nela todos envolvidos, embebidos ou ainda impregnados) e, portanto, a explicita melhor, contribuindo, assim, para alcançar relativa ou ajustada compreensão de suas dialéticas dinâmicas?

Além de perspectivas *'multiculturalistas'* que, às vezes, estão mais inspiradas em aspectos específicos de outros contextos sociais, nos quais representações identitárias nacionais apoiadas na composição de *'homogeneidades em diversidades e vice-versa'* são fatos ainda recentes, *em construção imaginária* e com sabor de novidade, mas nem por isso menos importantes.

Por exemplo, as sociedades ‘norte-americana’ e européia, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, têm se deparado mais direta ou imediatamente com a multiplicidade étnica e/ou cultural.

Mesmo que no contexto estadunidense contou-se em sua formação com os componentes europeus, índios e africanos (este último incorporado como mão-de-obra

escrava, tal qual o caso brasileiro, desde o período colonial) e, mais ou menos a partir da segunda metade do século XIX, intensificou-se o ingresso de migrantes de outras origens<sup>v</sup>; parece que tais *resoluções*, isto é, em termos de conformar *'homogeneidades em diversidades e vice-versa'*, não estão em especial privilegiadas na constituição de mitos fundadores da nacionalidade e, por conseguinte, nem nas elaborações imaginárias nacionais. Aliás, o que é observável tanto nos Estados Unidos quanto nas sociedades européias.

Notoriamente múltiplos fatores relacionados às intensas mudanças socioeconômicas e culturais (isto é, de ordem valorativa e comportamental) tiveram lugar, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX nas sociedades contemporâneas. E, dentre esses, convém considerar no tocante aos Estados Unidos da América: o incremento de embates “raciais” e de ações políticas do movimento “negro” (em especial acentuadas pelos anos 1960 afora) na luta pela garantia de seus direitos civis e, portanto, equidade nos inerentes direitos humanos.

Por conseguinte, é razoável propor: delineamentos multiculturais emergiram quanto ao ‘nacional norte-americano’. Ao menos entre os politicamente engajados e suas pressões para o reconhecimento da contribuição dos contingentes “índios” e “negros” nesta formação social, que por serem subalternizados permaneceram prática e miticamente relegados e até apartados da legenda da “nação branca e puritana”.

Da Matta (1979, p. 15-16) expõe argutas comparações entre os contextos brasileiro e estadunidense: *“Ver o Brasil em sua especificidade é também procurar interpretá-lo pelo eixo dos seus modelos de ação, paradigmas pelos quais podemos pautar nosso comportamento e assim marcar nossa identidade como brasileiros...”*. Segue, pois, comentando: *“... É, enfim, descobrir que, ao contrário dos Estados Unidos, nunca dizemos ‘iguais, mas separados’, porém ‘diferentes, mas juntos’, regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso”*.

Quanto às sociedades européias, tal questão pluricultural emerge, com mais vigor, em razão da crescente *'invasão'* de etnias procedentes, em geral, das suas *'ex-colônias'*. E que migraram para países da Europa em busca de oportunidades econômicas.

Não caberia ainda representar essa migração como se fosse *certo recobrar de suas parcelas coloniais que foram pilhadas e continuam assim sendo apropriadas por e neste chamado Primeiro Mundo?*

Como instiga pensar o posicionamento de Guaicaípuo Cuatemoc – cacique de um grupo indígena da América Central – na Conferência dos Chefes de Estado da União Européia, Mercosul e Caribe, realizada em maio de 2002, ao cotejar, então, as atuais dívidas financeiras atribuídas às nações latino-americanas à usurpação das riquezas das antigas colônias:

*“Aqui estou eu, descendente dos que povoaram a América há 40 mil anos para encontrar os que a encontraram só há 500 anos. O irmão europeu da aduana me pediu um papel escrito, um visto, para poder descobrir os que me descobriram. O irmão financista europeu me pede o pagamento, com juros, de uma dívida contraída por Judas, a quem nunca autorizei que me vendesse. Eu também posso reclamar pagamento e juros. Consta no Arquivo das Índias que somente entre os anos 1503 e 1660 chegaram a São Lucas de Barrameda 185 quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata provenientes da América. Terá sido isso um saque?...”*

E, segue por aí seus questionamentos (com ironia e precisão histórica) para ir acrescentando que esses valores:

*“... foram o primeiro de outros empréstimos amigáveis da América destinados ao desenvolvimento da Europa (...) Tão fabulosa exportação de capitais não foi mais do que o início de um plano Marshalltesuma para garantir a reconstrução da Europa arruinada por suas deploráveis guerras...”* (cf. MENEZES, JOnline, 21/05/02).

Pretende-se, com este provocativo registro, parafrasear as múltiplas relações socioeconômicas e culturais confrontadas nas várias formas de expropriação da riqueza material e humana dos povos aviltados pelo colonialismo, que, na atualidade, estão igualmente manifestadas nestes intensos movimentos migratórios que afetam o dito *Primeiro Mundo*.

Decorrente deste notável processo de migração para o continente europeu ou ainda de ibero-americanos (dentre vários segmentos populacionais) aos Estados Unidos da América (ou seja, em direção a estas economias capitalistas hegemônicas) – o qual se intensifica a partir da segunda metade do século passado; bem como das surpreendentes ou até inovadoras questões que tal contato e ‘contágio’ culturais propõem (quem sabe a históricos *sociocentrismos*?), assiste-se internacionalmente ao surgimento de uma significativa produção acadêmica (por exemplo: francesa, inglesa, estadunidense).

Transparece, pois, a presença de perspectivas “*pluri, multi, inter ou transculturais*” (ou seja, multiculturalismos) para que estas sociedades dêem conta deste fenômeno, que, com intensidade, está ‘*invadindo-nas*’. O que reflete a *descoberta* daquilo até então desapercibido, pois nem na sua origem foram *monoculturais*, tal concepção era apenas mais uma *construção imaginária*. É plausível dizer que, em certo sentido, esta *descoberta* parece flagrante em esforços de ‘*desconstruir uma imaginada inglesidade*’ (cf. HALL, 1997).

Substanciam-se, outrossim, compreensões da construção político-cultural nacional enquanto “*comunidade imaginada*” (cf. ANDERSON, 1983); questões relativas a

“identidade multidimensional” e a “cultura dos imigrantes” (cf. CUCHE, op. cit.; SARUP, 1995). A cultura e suas imbricativas formas contemporâneas tornam-se temas investigativos proeminentes (cf. HALL, 1997a). Enfim, o impacto da diversidade étnica e/ou cultural afigura expressivo nestas sociedades refletindo-se, por conseguinte, na própria produção acadêmica.

Sem descartar a relevância dessas problemáticas, ressalta-se, contudo, a pertinência de esboçar uma reflexão inspirada na complexa configuração imaginária brasileira que, desde seu nascedouro, vem compondo e matizando *‘homogeneidades nas diferenças’* e *‘diversidades em semelhanças não equivalentes’*.

Convém, portanto, rever criticamente: versões sobre a sociedade brasileira; bem como o tenaz ardil engendrado, ao longo do tempo, na mítica dos grupos formadores: “o branco, o negro, o índio”. Este segue contribuindo também à preservação da centralidade da “raça” (noção epistemologicamente ultrapassada para estabelecer diferenciações entre humanos) dentre aqueles aspectos tidos por singulares à nação.

Quanto às representações dos sujeitos estudados, pode-se desde já ponderar: apesar do permanente, gradual e inexorável movimento contemporâneo de recomposição cultural, observa-se persistência (ainda bem consolidada) de certos fragmentos simbólicos e identitários que continuam a rondar as imaginações brasileiras – com seus *fantasmas assombrando* do passado.

Cabe, pois, inquirir esses *fantasmas* — com seus reincidentes sentidos ético-políticos — que seguem sombreando imaginários sobre o Brasil e os brasileiros. Mas este é um esforço para além dos colonialismos e suas fronteiras: sejam culturais, intelectuais, epistemológicos ou até acadêmicos...

Quem sabe? Será, então, possível problematizar tantas implicações a fim de potencializar essencial *‘refazer de identidades’* que se deseja crítico ou auto-reflexivo face às estereotípias. Processo esse no qual a educação escolar e as propostas curriculares que implementa por meio de seus agentes assumem importância que não se deve negligenciar.

Ademais, a perspectiva adotada: ao entender *‘universos simbólicos’* como elementos que propiciam aos homens ordenarem suas histórias (cf. BERGER, 1978) e *‘memória coletiva’* enquanto alicerçada nas vivências grupais (cf. ORTIZ, 1986, p. 138); apõe daí *‘memória nacional’* ao âmbito das *‘ideologias’*. Porque estas envolvem igualmente os sistemas culturais das contemporâneas sociedades de classe (cf. GEERTZ, 1978).

Não se pretende tipificar identidades por saber-se entidade abstrata, embora indispensável referência (cf. LÉVI-STRAUSS, 1977 apud ORTIZ, ib. p. 137). Logo não se presume essência a depreender quanto a coletivos nacionais (cf., dentre outros, ORTIZ, *ib.*; LEITE, *op. cit.*). Contudo, mais além do imediato cotidiano tais

componentes identitários são recordados, atualizados ou recriados no presente, porém como algo imbricado nas formas sociais que os forjaram. Assim, somente pela consistência na criticidade poder-se-á projetar virtualidades em vista de renová-los...

### *3. Imaginários e identidades brasileiras: do passado ao presente, fantasmas persistem?*

Segue-se, portanto, aos modos representacionais expressados pelas 18 graduandas em Pedagogia (inscritas no 5º período) e/ou professoras concernentes às imagéticas ‘nacional-brasileiras’. Pretende-se descrever aspectos salientes neste subconjunto estudado; bem como pontuar certos cotejamentos em relação aos demais universitários/as examinados.

Entretanto, convém, logo, situar a receptividade dos sujeitos pesquisados à discussão proposta. O grau de motivação demonstrado face à questão que dirigia suas atenções para refletir sobre o Brasil e os brasileiros foi intenso. Portanto, buscando fidelidade à impressão provocada pelo enfoque desta problemática, arrisca-se a descrevê-la metaforicamente, pois parece que ‘torrentes de paixões’ foram, naquela ocasião, despertadas...

Enfim, todos queriam de uma ou outra maneira participar do debate, posicionar-se, concordar ou contestar os colegas. Pronunciar-se sobre o que acham que, de fato e de direito, lhe diz respeito, nem que seja para criticar num ambíguo, paradoxal e complexo movimento de quem está ‘dentro’ mas pode imaginar-se relativamente de ‘fora’: ora nos defeitos, falhas ou vicissitudes que denunciam; ora, quem sabe, numa vaga ou difusa consciência de um quase distanciamento (ou até apartamento) plausível de revolver entre Estado-Nação, entre Governo-Sociedade na história brasileira?

Estas impressões baseadas tanto nas observações dos grupos focais quanto nas reiteradas leituras do material sob exame serão mais adequadamente apresentadas e, por conseguinte, avaliadas na medida em que se faça o reconhecimento das associações inventariadas desde a proposição (já referida): “*Se o Brasil fosse uma pessoa, como vocês o descreveriam?*”.

Ademais, na medida em que os valores, crenças, juízos emitidos pelas normalistas e graduandas inscritas no 5º período de Pedagogia a respeito da temática em pauta foram submetidos à prévia organização descritivo-analítica – que se faz imprescindível aos intentos investigativos; buscar-se-á conduzir a presente explanação desde as enunciações que contêm posicionamentos, por tendência e comparação, situados em pontos extremos e opostos – isto é, figurados nos teores positivos ou negativos – até as

que os articulam por variadas gradações, matizes ou nuances. Quer dizer, num relativo delineamento conjecturado do ‘espectro em continuum’ a conformar tais apreciações.

Aparecem, pois, combinações dentre diversas qualidades então apontadas e podem ser sinteticamente classificáveis por: positiva (sem ou com restrição) e/ou negativa e/ou irônica e/ou crítica – e ainda em oposições ou antagonismos, as quais são encontráveis (em maior ou menor grau) nas percepções expressadas por estas informantes.

Ao atentar na generalidade das formas classificatórias recém-citadas – esboçadas a partir de suas focalizações com respeito ao Brasil e/ou brasileiros – nota-se a prevalência de composições em que os elementos discursivos arranjados denotam apreciações de criticidade com ênfases (mais ou menos irônicas) em aspectos denegáveis. Aproximada tendência foi observada nos prévios debates focais, a qual se evidenciou pela maior frequência de *‘termos, expressões, apreciações associados segundo sentidos contextuais negativos’*.

Mas, antes de considerar as descrições individuais elaboradas<sup>vi</sup> pelo subconjunto sob exame, vale registrar que nesta turma pedagógica de 5º período: 12 graduandas (ou seja, dois terços dentre elas) estavam efetivamente trabalhando e exerciam o magistério enquanto as 06 restantes não tinham, naquele momento, ocupação remunerada.

Outrossim, indicar que em termos etários – embora se distribuam de 01 ao máximo de 03 casos nos vários intervalos<sup>vii</sup> seguindo de 21 até mais de 41 anos (exceto 02 que não informaram sobre o quesito), alargando-se, entretanto, os recortes definidos (isto é, englobando-os em 12 anos ou mais) e assim agregando estes dados têm-se: 10 (55,55%) discentes entre 21 e 32 anos, 06 (33,33%) entre 33 e mais de 41 anos. Pode-se, daí, ponderar que neste subconjunto (assim como nos demais pesquisados) verifica-se predominância em faixas de idade consideradas, na atualidade, ‘jovens’ (claro em sua relatividade para cada intervalar) e produtivas quanto à possibilidade de inserção laboral.

Convém preambular a exposição desses modos representacionais pelos poucos posicionamentos que ora tendem a acentuar ora simplesmente exacerbam positivities em suas considerações face à questão estimuladora das composições individuais inventariadas. Conforme mencionado: *“Se o Brasil fosse uma pessoa, como o descreveriam?”*<sup>viii</sup>.

Em relação às (02) redações referidas a seguir, estas serão apresentadas nas suas integralidades porque além de não se inserirem dentre as mais extensas propiciam destacar a marcante ausência ou esmaecimento de termos direta e categoricamente negativos para apreciar o país – o qual emerge de imediato e com inteira exclusividade no tocante à função de único sujeito nomeado nestes encaminhamentos descritivos ora a contemplar.

Evidentemente, não se pode negligenciar que o mote estimulador predisponha esse tipo de primazia na forma gramatical de construção dos textos solicitados. Não obstante, outras manifestações neste mesmo subgrupo (ou nos demais estudados) agregaram, em simultaneidade, mais imbricadas interfaces ou até outros sujeitos enunciativos são sugeridos (enquanto possibilidade) nas apreciações. É provável que por se tratarem de expressões que relativizam, matizam, graduam em suas oposições ou antagonismos desde aspectos positivos aventados até negativos e/ou irônicos e/ou críticos são, portanto, apelados e complexados outros elementos tais como: “povo brasileiro” ou “brasileiros”, “governo”, “governantes”, “elites”, “políticos” etc. Adiante, em vista de o exame das demais descrições arroladas dentre estas normalistas, tais relações assomarão.

Eis as proposições destas (02) alunas, que embora convergentes em suas expressões de admiração pelo Brasil estão, caso se considere suas idades, bem distanciadas – respectivamente 24 e 50 anos – conquanto não estejam no tocante a características auto-atribuídas<sup>ix</sup>, pois declararam professar crença “evangélica” e identificaram-se como “brancas”:

*“Se o Brasil fosse uma pessoa, eu diria que ele seria uma pessoa rica, com uma beleza sem explicação e com a profissão de um médico. O Brasil é rico em produção de alimentos de todas as formas, frutas, legumes, carnes, cereais e etc., pois a terra é ótima para o plantio. O Brasil contém muitas minerais, ele contém muita água, muitos lagos, tem os oceanos, tem as cachoeiras, mares. Por ser um país com muitos mares não nos falta alimentos do fundo do mar que no nosso país temos variedades, além de podemos também colhermos o sal. O Brasil também seria um médico pois nas densas florestas podemos encontrar remédios para a cura de várias doenças. O Brasil é belo, que não temos nem como exemplificar o tamanho da beleza do nosso país. Pelas reportagens podemos ver como existe lugares maravilhosos. Para mim o Brasil é essa pessoa Rica, Bela e um Médico de qualidade.” (PP15<sup>s</sup>)*

*“Brasil, tu és lindo nesta roupagem tão verde, com bordados amarelos e boné azul. Com esta cabeça pensante poderias ser mais forte do que és, se não desses ouvidos as lisonjas de teus opressores, fazendo brotar de seu interior toda mesquinhas que não queres para ti. Serias muito mais feliz se houvesse em teu peito a simplicidade de ser por simples existir.” (PP2)*

Ambas descrições realçam as belezas e riquezas naturais do país – traços gerais admitidos por todos os (04) subgrupos examinados desde os preliminares debates focais. Notadamente, estas são idéias propagadas e sedimentadas, ao longo de várias gerações, nessa imagética nacional e têm sua origem desde o europeu defrontado e impactado à natureza do “Novo Mundo”, em especial, ao deslumbre tropical na

miragem do *'lado de baixo do Equador'*<sup>xi</sup>. De imediato, se um éden idealizava antever-se, a surpresa já acostumada – mas nem tanto – pôde tal qual suscitar, gerar e gerar 'infernais' imaginárias ainda...

Sabe-se que são muitas as análises voltadas à reconstituição das visões inaugurais dessas terras então conquistadas (dentre outras: HOLANDA, 1992, 1994; LEITE, 1983). Assim, esse éden vislumbrado pela sua “eterna primavera” – com frutos, prados e águas abundantes – é, contudo, cercado de obstáculos intransponíveis e de aspectos irreconhecíveis, por vezes aterrorizantes (cf. HOLANDA, 1992, apud, ARRUDA, 1998, p. 20).

Entretanto, subjazem nestas apreciações discentes (supracitadas – sobretudo na primeira) imagens mesmo que residuais também forjadas, provavelmente, pela recorrente divulgação em livros escolares da célebre *Carta de Pero Vaz de Caminha*, na qual a admiração pela abundância hídrica e variedade da flora e da fauna tropicais já era revelada, bem como objetivos principais dos colonizadores – a busca de pedras e metais preciosos – e se prenunciava aspectos das relações interferentes junto ao gentio. Eis alguns trechos da inaugural correspondência<sup>xii</sup>: “... *entre esse arvoredos, que é tanto, tamanho, tão basto (...)* Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos”; “*Nela, até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata...*”; “... *Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados...*”; “*Águas são muitas; infundas*”; “*E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem...*”; “... *Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece será salvar sua gente...*”.

Por outro lado, se tons 'ufanistas' emergem das representações destas (02) graduandas ora enfocadas, chegar-se-iam mais as sempre revisitadas imagéticas particularmente popularizadas pela obra de Afonso Celso<sup>xiii</sup> (dentre outras) que teve ainda seu ideário nacionalista espreado em almanaques e manuais escolares?

Não obstante, essas perspectivas impregnadas por assim dizer num “acervo memorial coletivo”, estão, pois, atualizadas e seguem sempre em processo sendo. Incorporadas, por sua vez, de questões mais e/ou menos atuais disseminadas seja pela amplitude midiática seja por materiais didáticos específicos.

Assim, no caso da inicial apreciação discente ilustrada, resgata-se – apesar de certas fragmentárias expressões – a valorização dos recursos naturais (minerais, hídricos, agricultáveis etc.) e da biodiversidade da flora nacional (por exemplo, na subjacente alusão à hiléia – como se sabe amazônica).

Se aí estaria, de uma outra maneira, persistindo a repetida e popularizada máxima de “*em se plantando tudo dá*” (ou se quiser “a terra é ótima para o plantio”), seguiria esta, porém, se reatualizando?



Ao acrescentar coetâneos conhecimentos sobre poderes medicinais das plantas das “florestas” e outras apreciações que ao destacarem a fartura de água (“lagos, oceanos, cachoeiras, mares”) parecem igualmente não só reafirmar seu valor (também notado na carta-símbolo), mas talvez sinalizar presentes questões ecológicas (dentre outras a valorização da água pelo risco de escassez) que, sendo então disseminadas ao grande público pelas ‘*culturas de mass media*’, poderiam estar colaborando a compor elementos imagéticos nela realçados – isto é, neste tipo de manifestação citada. Porquanto, a veracidade desta beleza admirada é ainda ratificada: “... *Pelas reportagens podemos ver como existe lugares maravilhosos...*” (PP15).

A segunda descrição exemplificada (PP2) se bem que do mesmo modo positivamente valorada ao assinalar “*Brasil, tu és lindo...*”, não apenas sugere senões ao mencionar “*teus opressores*” que despertariam a indesejável “*mesquinhez*”, mas, outrossim, insinua arremedos estilísticos inspirados em ‘seleções poéticas’ costumazes nos manuais escolares. E embora reconheça traços como “forte e feliz”, atenua-os ventilando matizes que não são, porém, tão aclarados nos ‘comparativos descritivos’: “*ser mais forte do que és*” ou “*muito mais feliz*”. Ou seja, relativiza estas qualidades, mas não chega a contextualizá-las em termos negativos.

Ademais, sem qualquer intencionalidade jocosa, esta graduanda insufla, nos termos formais de suas enunciações, algo de simulacro (quase paródia ou pastiche) bafejado por poéticas ‘romântico-parnasianas brasileiras’ que fertilizaram esforços – decorrentes desde a própria independência política do país – para reencenar mitologias voltadas à edificação imaginária nacional<sup>xiv</sup>.

E, possivelmente, estas referências literárias persistem ainda cultivadas, pois são também encontráveis em livros didáticos destinados ao ensino fundamental. Trate-se de edições antigas, revistas, mais ou menos atualizadas, mas que continuam vigentes em certos contextos educativos. Parece, portanto, bem provável sua influência naqueles docentes mais velhos e há mais tempo no magistério.

Situação condizente à aluna ora focalizada que tem 50 anos (conforme notificado) e leciona na rede de ensino público em Cachoeiras de Macacu – município no interior do Estado do Rio de Janeiro. Se alguns dentre esses professores/as se disponham a ampliar suas fontes de referência, é plausível considerar que nas pequenas cidades são ainda maiores as dificuldades de eventuais renovações dos acervos de livros constantes das bibliotecas municipais ou escolares.

Mas, numa perspectiva diametralmente oposta das posições que apenas destacam ou até sinalizam aspectos positivos em suas apreciações sobre o Brasil e/ou brasileiros, verifica-se uma única manifestação dentre estas estudantes do 5º período de Pedagogia

que salienta basicamente negatividades em sua descrição a partir da questão estimuladora proposta.

Relembra-se, segundo anotado: existem enunciações que combinam em suas avaliações ponderações positivas e negativas, assim como as expressam em tons mais ou menos críticos e/ou irônicos e/ou antagonizados. Daí, caso se tome o total das (18) descrições colhidas dentre esta turma em consideração, encontram-se 15 (83,33%) que se ajustam nestes matizes classificatórios (ora mencionados)<sup>xv</sup>.

Convém igualmente registrar a tendência de que: nos modos representacionais ou simbólicos ‘portados’ e/ou manifestados pelos sujeitos interpretantes não é plausível esperar, em estrito senso, relações discretas ou fixamente apartadas entre elementos contextuais que lhes são significativos e, por isso, são por eles relacionados enquanto política e socialmente afins.

Entrementes, antes de considerar aqueles posicionamentos mais ‘complexamente’ articulados em seus matizados opositivos; ilustra-se a postura, por assim dizer, ‘radicalizada’ em sua depreciação do país e que também o centra na função de exclusivo sujeito de seus breves comentários a serem apresentados na íntegra (tal qual as visões de apreço já citadas):

*“Primeiro o despreveria como uma prostituta que está disposta a vender-se para quem paga mais por aquilo que tem a oferecer. No caso da prostituta: o corpo; no caso do Brasil: suas riquezas naturais e produzidas. Depois o despreveria com uma criança imatura e dependente, que necessita da mãe ou de alguém para dizer-lhe o que fazer ou não fazer. Será que depois de 500 anos<sup>xvi</sup> o Brasil não consegue ainda caminhar com as próprias pernas, sem depender de decisões estrangeiras?” (PP9)*

Se a ‘virulenta’ retórica crítica diz *de per se* não pode, contudo, arredar-se da força motriz de idéias sustentadas nas “riquezas naturais do Brasil”. Aliás, a singeleza de expressões mais dramatizadas ou até drásticas para situar o país na cena internacional em face de outras nações teve também ocorrência nas demais turmas pesquisadas.

Buscar-se-á doravante abordar enunciações que compõem desde simples combinações de elementos positivos e negativos até aquelas envolvidas também por certas criticidades nas quais os antagonismos podem vir a assumir formas expressivas mais ou menos irônicas ou sarcásticas. E que amplamente refletem maneiras majoritárias de manifestação destas discentes normalistas sob exame.

A partir deste reconhecimento não apenas emergirão modos representacionais do subconjunto ora esquadrinhado, mas principalmente quais questões têm relativa prevalência em suas concepções sobre o Brasil e/ou brasileiros. Portanto convém, logo,

destacar alguns segmentos enunciativos de composições discentes que, de modo genérico, ajustam-se mais às elementares disposições entre positivities e negatividades:

*“Caracterizo-o por alguém jovem, submisso, formado a partir de uma grande mistura de raças, inseqüente, desorganizado, afetuoso, conflitante, acolhedor e próspero” (PP5)*

*“Rico, diversificado culturalmente e por isso não criou uma identidade sólida pois foi recebendo influência de uns e outros e se perdendo sem saber onde chegar. Traça planos acredita que vai dar certo e se tornou egoísta e se prostituiu, se vendendo barato para assegurar a estabilidade de alguns poucos. Hoje é violento, abandonou seus filhos mais velhos e os mais novos, menos abastados não sabem o que fazer e as vezes buscam o ‘jeitinho brasileiro’ e se corrompendo tanto quanto o ‘pai’. Brasil que poderia ‘manar leite e mel’ mas que se deixou levar por tantos corruptos que já não é tão amado, nem gentil, nem idolatrado e seus filhos os que podem, fogem para serem acolhidos em outros braços”<sup>xvii</sup> (PP3)*

*“O Brasil é uma pessoa bonita e jovem. Levando em conta seu território é uma linda terra com uma biocenose rica, possui paisagens belíssimas (...) Os políticos que deveriam se preocupar com a qualidade de vida da população aplicam os recursos em futebol, samba, festa popular, etc. E, com isso o Brasil fica cada dia mais doente. No entanto, o mundo não é estático e os políticos têm grandes chances de no futuro serem melhores escolhidos pela população (...) sendo ele jovem, é possível afirmar que o Brasil tem todas as chances para ficar curado visto que é novo e tem um potencial inquestionável” (PP8)*

Destes prévios exemplos começam assomar problemáticas pontilhadas desde difusas alusões identitárias cotejadas a uma ‘diversidade cultural nacional’, passando por menções à desigualdade social e ao “jeitinho brasileiro” até à violência, à corrupção, aos políticos, à capacidade de escolha eleitoral da população etc. Vicissitudes ou mazelas que serão também arroladas em outras composições destas graduandas normalistas cujos segmentos a ilustrar seguirão a pormenorizar.

Não obstante, é interessante pontuar aspectos mais ou menos manifestos nestas ponderações citadas. Por exemplo, a concisa caracterização na qual se registra a qualidade “jovem” banalmente reforçando idéias comuns tanto no grupo universitário pesquisado quanto na legenda nacional compartilhada. Narrativas brasileiras conhecidas que ainda se imbricam ou amparam no propagado *slogan* do “país do futuro”.

E, por sua vez, essa juventude afirmada está, por origem, não apenas referenciada à existência histórica das terras conquistadas no “Novo Mundo” para as nações

européias, mas também a já nem tão recente emancipação política do país caso se considere outras ex-colônias, por exemplo, nos continentes africanos e asiáticos. Contudo, a Europa persiste irrefutável referência comparativa para estimar critérios de antiguidade.

De outro lado, insinua-se a “submissão”, sem elucidar a quem ou a quê. Mas, possivelmente, seria em relação a outros países entendidos como política e economicamente hegemônicos.

Mas, o que parece notável nestas sucintas observações são as discursivas relações no tocante à expressão “mistura de raças” as quais permitiriam, por assim dizer, duplas leituras. Porque se esta qualidade é acompanhada do termo “grande” (mistura de raças) – quer dizer para destacar intensidade e extensão da miscigenação brasileira – logo a seguir listam-se características como “inconseqüente”, “desorganizado”, “conflitante”. Sinalizar-se-iam, assim, vestígios fragmentários daquelas concepções ‘raciológicas’ difundidas desde o final do século XIX? Permitiriam até vislumbrar tonais de memoriais remissivos na sua latência ao tal ‘tipo psicológico instável do mestiço’? Segundo já se teve oportunidade de anotar no tocante às perspectivas sustentadas por Silvio Romero, Euclides da Cunha, dentre outros (cf. ORTIZ, op. cit.; LEITE, op. cit.). Apesar daqueles traços (por exemplo: “submisso” etc.) não estarem explicitamente relacionados ao “povo brasileiro” pode-se presumir que tal referente subjazeria. Manifestações desta ordem foram tanto enunciadas durante os debates focais quanto nas descrições individuais das (04) turmas estudadas – sendo em vários casos relacionadas ao comportamento dos “brasileiros”.

Valeria a impressão de que existe, por tendência ou genericamente, algo de depreciação ou de subestima quanto à população do país? E, de alguma forma, afigurar-se-ia ainda na vaga alusão identitária: “... *diversificado culturalmente e por isso não criou uma identidade sólida pois foi recebendo influência de uns e outros e se perdendo sem saber onde chegar...*” (PP3). Adiante, retomar-se-á a discussão desta problemática – isto é, relativa às percepções de auto-reconhecimento nacional – pontuada em composições da turma pedagógica em pauta.

Por outro lado, sucedem-se comentários críticos mais ou menos extensos e reiterativos quanto a questões políticas e sociais do país, reforçando o tom manifestado nas discussões focais e no geral em conformidade ao ‘personagem Brasil’ metaforizado na questão proposta:

*“... o Brasil (...) está passando por crises psicológicas e físicas, mas não perdeu a esperança de encontrar verdadeiros amigos que ajudem a salvar sua vida (...) Uma pessoa insegura que cresce sem rumo; ingênua ao se entregar nas mãos dos estrangeiros; em conflito com suas identidades e esquecendo do seu papel diante*

*da sociedade (...) dominada por paradoxos que o fazem abandonar a opinião própria para conformar-se com a de outrem (...) O coração do Brasil está poluído e transmitindo doenças para seus amigos. É uma epidemia que em alguns dias leva a condição a zero, mas o Brasil não se preocupa, porque o poder legislativo é seu médico e impõe suas próprias leis. A pessoa que deveria ser exemplo de retidão federal, é vergonha nacional. O Brasil fica sem palavras diante daqueles que envergonham seu caráter. A saúde é seu maior problema, o seu pulmão esta sendo destruído, pedaço por pedaço. E o seu médico conhece o remédio, mas não utiliza. Será que a morte do Brasil se aproxima? Às vezes encontramos o Brasil em festa mostrando a sua beleza. Ele consegue disfarçar seu egoísmo do ano inteiro que seleciona a menor parte das pessoas que podem ter acesso ao seu cofre de riquezas, demonstrando uma falsa aproximação de todos na sua festa mascarada (o carnaval). É uma pessoa distraída, que embora tenha sede de poder, não se importa com a burguesia que a cada dia rouba o que é seu. Sua memória é falha, não lembra de suas lutas e vitórias, por isso se entrega (...) Como sou amiga do Brasil (...) tentarei salvar os fios de cabelos que estão crescendo (as crianças) para que consigam mudar esta situação de decadência. Enfim, o Brasil é uma pessoa que está passando por crises psicológicas e físicas...” (PP1)*

Assim, desde os poderes constituídos (como o legislativo) passando pelo “problema da saúde” – metaforizada na vagueza de prováveis figuras da corrupção (“coração poluído”) e da destruição ambiental (“pulmão” insinuar-se-ia de modo indireto à floresta amazônica<sup>xviii</sup>) – ou seguindo por difusas sugestões noutros serviços públicos até alusões às diferenças de classe etc. são, portanto, meramente ponteadas tantas questões sociais e econômicas: seja os planos de estabilização monetária (já vagamente citados) seja a educação.

Note-se ainda (no trecho acima ilustrado) a referência a um “caráter envergonhado do Brasil” seria indireta menção ao governante do país e ao legislativo com supostos efeitos no reconhecimento nacional, porventura?

A temática educacional foi ressaltada por estas normalistas e do mesmo modo apareceu nas discussões focais assim como nas demais (03) turmas pesquisadas. O que não resulta qualquer surpresa uma vez que o conjunto em estudo é constituído de professoras atuantes no ensino fundamental e/ou discentes de nível universitário (ademais matriculados em cursos voltados à formação para a docência); logo, trata-se de questão que tanto os afeta mais proximamente quanto pertence ao admitido acervo de entraves históricos da sociedade brasileira:

*“Paciente→ está sempre a espera de melhores condições de vida: aumento do salário, educação igual para todos e etc. (...) Analfabeto→ sem condições de estudar, por ser pobre teve de trabalhar para ajudar sua família (...) Alegre→ mesmo diante de tanta miséria está sempre sorrindo (...) Podia escrever infinitas*

*qualidades ou defeitos dessa pessoa que se chama Brasil, mas para resumir posso dizer que essa pessoa é muito importante para seus filhos, que sonham e acreditam que um dia todos viveram em paz tendo uma sociedade mais justa e igualitária para todos! Não desista Brasil, acreditamos em você!” (PP10)<sup>xix</sup>*

*“Em primeiro lugar, acho que o Brasil seria uma pessoa bastante volúvel e instável, sem nenhuma personalidade (...) Como todo momento ele mudaria, ele então apresentaria-se assim: invejoso, preconceituoso, irresponsável, solidário, desmemoriado, analfabeto consciente e inconsciente, dentre outras (...) Invejoso, porque tudo que vê em outros países tenta copiar, esquecendo-se de que, o que é bom para os outros, pode não ser para nós. Preconceituoso, mesmo não assumindo, se pudesse eliminaria: negros, idosos, homossexuais, portadores de deficiências, assim como vem acontecendo com os índios. Irresponsável, sempre que alguma coisa não sai como planejada, a culpa vai sendo passada como uma bola num jogo de futebol (...) Brasil desmemoriado é um dos piores papéis interpretados, pois este trás consequências seríssimas para quem vive nele. Analfabeto consciente e inconsciente, consciente porque sabe que está atrasado e o quanto em relação à outros e inconsciente porque não busca uma forma de formar cidadãos conscientes, no sentido de informações claras e precisas. Sem a consciência que está caindo na inconsciência. Muito complicado, não é?...” (PP7)*

Poder-se-ia dizer que várias descrições trazem banalidades de ‘clichês’ ou estão marcadas por ‘palavras de ordem’ (por exemplo: “educação igual para todos”, “sociedade mais justa e igualitária para todos!”). E que são mais ou menos inspiradas no campo político popular-progressista ou influenciadas por suas reivindicações.

Fórmulas discursivas de notória presença, sobretudo desde os anos 80 no Brasil, não apenas nos planos de organizações governamentais ou não, nos seus projetos educacionais e nas respectivas orientações políticas, pedagógicas e acadêmicas – ou seja, registradas em inúmeras documentações por suposto acessíveis a estas professoras – mas também persistem até hoje sendo bem disseminadas e inclusive pela mídia.

Mormente, a divulgação televisiva que segundo transparece nas descrições sob exame exerce forte influência e é especial fonte de referência. Tenha visto que o conjunto de estudantes pesquisado em geral a ela se remete (direta ou indiretamente) nas ponderações para apreciar o país e seu povo.

Porquanto muitos temas contidos em seus comentários assemelham costumeiras pautas de programações jornalísticas de grande audiência – por exemplo, “Jornal Nacional”, “Globo Repórter” (programas da maior emissora do país: a Rede Globo) – ou ainda sugerem tópicos presentes nos chamados vídeos educativos. Tais como aqueles produzidos: seja pelo Canal Futura (da mesma empresa de comunicação) que tem, dentre seus objetivos, promover também demais produtos midiáticos desta organização patrocinadora (a qual conta, outrossim, neste intento com a divulgação realizada por

meio do empreendimento “Amigos da Escola”<sup>xx</sup>); seja pelo TV Escola, projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação (desde setembro de 1995). Tais materiais instrucionais estão relativamente veiculados pelas escolas do país (quando nada nos grandes e médios centros urbanos).

Por outro lado, assomam esperanças a nutrir em certas enunciações discentes. Seriam mais ‘clichês do clichê’?<sup>xxi</sup> Crê-se que não em completude...

Porque a repetição de chavões ou a reiteração de formas ordinariamente banalizadas, mas que comportam forças expressivas, são recursos próprios aos processos de transmissão simbólica e persuasão política em vista de suas essenciais consolidações e fixações imagéticas. O que permite aos sujeitos apropriarem e reproduzirem de modo quase automático ou sem maior custo reflexivo triviais relações.

É o que se afigura em certas afirmações daquela professora (supracitada e em outras inventariadas dentre o conjunto universitário pesquisado) e que segue então a estimular: “*Não desista Brasil, acreditamos em você!*”. Apesar de subjacente a idéia de povo-nação, restaria explicitar mais claramente: quem seria o ‘Brasil’ aí representado o qual não deveria desistir, o governo ou a população (ou ainda os dois)? E quem deveria acreditar, os brasileiros? Seria inclusive como “filhos” fossem? Mas filhos de quem, da pátria, do governo ou de ambos? E seria assim por diante?

Confundem-se dispersas referências ideológicas (mais ou menos) sustentadas: ora em quaisquer reminiscências conservadoras de certo sentimento nacionalista que releva, por exemplo, o povo como ‘filhos da pátria’ (aliás, desde o passado, mensagem comum a poemas de teor ufanista ou de inspiração ‘romântico-parnasiana’ habitualmente inscritos em manuais escolares pouco atualizados) e, neste caso específico, na plausível inspiração “da mãe gentil pátria amada Brasil” inscrita a perpetuar na letra do hino nacional; ora noutros apelos contemporaneamente politizados, porventura...

Induz-se, pois, a impressão de meros ‘clichês representativos’ nessas fragmentárias concepções, noções ou imagens estilísticas empregadas – às vezes tantas e até profundas à exaustão (conforme revelam exemplos já expostos).

A despeito da questão-mote usar o artifício indagativo de ‘personificação do Brasil’, porque visava a partir daí estimular múltiplas configurações relacionais e, assim, potencializar a incorporação de outros agentes sociais e/ou atores políticos. Contudo, é inegável a carência de nitidez quanto delimitações de supostos sujeitos apelativos mais visíveis a perpassar certas descrições – isto é, nos seus encaminhamentos enunciativos. E, dentre tantos aspectos descritivos pontuados, ressurgiu ainda a costumaz indicação da característica “imitação dos estrangeiros” a qual é genericamente presente em avaliações sobre os brasileiros e, em particular, foi também assinalada em vários autores dedicados à questão nacional (dentre outros, Romero apud. LEITE, op. cit., pp.

209 e 264-272). Não se pretende imputar imediata influência desta literatura nos juízos sob exame, mas apenas ventilar infiltrações (em difusas relatividades), que se por acaso far-se-iam mediatas, viriam, porém, por arrabaldes bem mais remotamente avizinhadados.

Eis mais ‘desdobramentos’ destas composições ora focalizadas que nas problemáticas que trazem tocam questões relativas às desigualdades socioculturais e econômicas existentes no país:

*“... o Brasil (...) possui várias identidades, pois ele modifica de acordo com o papel que exerce na sociedade. Por exemplo: Ele é jovem e rico (...) possui uma aparência bonita, limpa, têm paisagem incomparável, recebe as pessoas com simpatia é agradável e tem um potencial de riqueza muito grande. Mas quando você passa a conhecê-lo bem de perto percebe que está doente e pobre. Sendo jovem seus órgãos deveriam ser saudáveis, com consequência da poluição e atuação humana, por dentro está feio, sujo e morrendo. Apesar disso ele pode se recuperar, não é estágio terminal é só usar o antibiótico certo para se curar. Deixando de poluir os rios, os mares, de destruir a fauna e flora. E passar a dividir melhor a sua renda pois não há divisão de bens” (PP16)*

*“Uma pessoa confusa e cheia de problemas, precisando de ajuda de outras pessoas que tenham vontade de ajudar sem interesses econômicos. Apesar de seus problemas se alegra com o futebol, carnaval e com suas belezas naturais. Uma pessoa rica em todos os sentidos: na fé, no coração, nas artes, na música, nas terras produtivas, na educação, no amor, na esperança, na pobreza... Essa pessoa tem muita vontade de mudar, pois ela é muito injusta com as questões sociais (...) Acredito em você e tenho muita esperança de vê-lo renascer e progredir, pois quero que todas as pessoas que te tratam mal sejam punidas Você não merece esse desrespeito e essa violência e tenho certeza que Deus está olhando por você. Afinal, Deus não é brasileiro???” (PP11)*

A identificação das focagens destas graduandas referenciadas ao Brasil e/ou brasileiros – embora repetitivas e quase dispersivas na enumeração de tantos problemas simplesmente anotados – permite verificar esperadas convergências às questões logo arroladas nos debates coletivos empreendidos.

Estes foram, pois, descritivamente organizados em eixos associativos (até paradigmáticos) conformados segundo as apreciações discentes manifestadas nas (04) turmas escrutinadas. E pretenderam, por sua vez, não apenas recuperar genericamente questões políticas, econômicas e sociais, mas também pormenorizá-las em suas focalizações quanto: a desigualdade entre classes, as relações com outras nações e a aspectos conjunturais nacionais e/ou da política governamental. Painel similar está a



compor as relações básicas e privilegiadas dentre as normalistas desta turma pedagógica de 5º período, que ora se delineia.

Contudo, valeria ainda discutir seus encaminhamentos sob dupla perspectiva: de um lado, o ‘personagem Brasil’ emerge nestas enunciações sendo representado, dependendo do contexto enunciativo, por diferentes atores políticos e/ou estratos sociais que nele interagem; e, de outro, as formas de apropriação (ou de significação) sugeridas e afetantes aos componentes identitários nacionais (conforme sinalizado em certos exemplos supracitados), as quais conviriam cotejar a concepções contemporâneas desta problematidade.

Não obstante, procurar-se-á traçar este percurso resgatando aquelas expressividades classificáveis como irônicas ou sarcásticas e/ou de antagonismos entre positivities e negatividades que tiveram presença nas formulações destas graduandas normalistas<sup>xxii</sup>.

Para tanto, vale logo contemplar a descrição de uma aluna (mais extensa do que outras colhidas) que prossegue a pontilhar ‘males do Brasil’. E, por seu turno, propõe exemplaridade quer nos temas salientados quer nas relações estabelecidas entre eles – ou seja, que se afiguram (mais ou menos) emergentes ou preponderantemente focalizadas nos conjuntos representacionais discentes examinados (em especial, este ora considerado). Eis amplos segmentos extraídos de suas observações, nas quais algo de cáustico transparece<sup>xxiii</sup>:

*“... visão (pouca) que tenho sobre essa ‘pessoa’ que irei descrever, cujo nome se me recordo bem... seria República Federativa do Brasil, que apelidamos carinhosamente colônia, perdão!!! Brasil, tenho a declarar e a observar que tratasse de um país (?!?) muito simpático, receptível, amável com todos os que lhe exploram, quer dizer, visitam<sup>xxiv</sup>. Extremamente bonito (há! Por gentileza, não repare sua região nordeste é muito sequinha<sup>xxv</sup>), seu comandante, digo representantes, responsáveis ou como queira, são pessoas que lhe criaram muito bem. Basta observar sua ‘ótima educação’, que com o passar dos anos (posso dizer aproximadamente 500) lhe ensinou, e fez com que não surgissem diferenças sociais. Se há alguma, o perdoem! Devem ter sido aqueles ‘vagabundos’ que não lhe deram ouvidos!<sup>xxvi</sup> Bom, não nos peguemos a detalhes; voltando a apresentá-lo, você poderá observar que, sua face e corpo é tão bela (é só não olhar para esses defeitinhos tipo o ‘Planalto’, ACM, FHC, CPI, que acostumou adotar como siglas para não pronunciá-los tão abertamente, afinal não seria de bom tom!) que de tão cobiçado, já é considerado território e patrimônio da humanidade. É verdade!!! E sabe qual é a parte mais cobiçada? A nossa preferência nacional: a Amazônia! Mas não fique pensando que ele possui falsa modéstia; não! Faz questão de ajudar a todos. Muitas vezes ‘doando’ suas empresas aos países mais necessitados, como os EUA, Japão e outros que não ficaria bem declarar, iria parecer exibicionismo! Ele é tão discreto que só depois de muito tempo é que nos comunica...*

*Talvez por ser tímido frente aos nossos galanteios, não quis aceitar no seu aniversário, que chamássemos para cantar parabéns a 'tiazinha' que foi uma das professoras mais queridas. Talvez por que com sua venda tapasse seus olhos e não deixasse ver os castigos, que deveriam ser aplicados através de chicotadas<sup>xxvii</sup>, para aqueles mal agradecidos como um tal de sem terra, outro assalariado, (que mesmo com um senhor aumento de R\$ 8,00 continuou a fazer greve e falar mal dele!), proprietários de barracos e outros que não vale a pena comentar.*

*O que mais posso dizer... Ah! Que possui muito discernimento, na escolha das pessoas que o ajudam a fazer justiça. Por exemplo; se existe alguém que constrói prédios bonitos em lugares ainda mais bonitos, e essas pessoas não cuidam direito dos seus prédios, fazendo-os cair e jogando areia de praia (veja só que maldade!!!) só pra dizer que era feito de areia. Ele não deixa de modo algum que esse alguém sofra injustiça ou pague pela perda de outros irresponsáveis. Ah, mais outro! Se uma pessoa que faz jornal, coloca sempre as verdades nas notícias impressas, e ela se apaixona loucamente por uma pessoa, a ponto de 'matar de paixão' ele 'entende'... Não deixa que ela sofra mais, sendo presa ou caluniada<sup>xxviii</sup>.*

*Posso dizer também, que é uma pessoa extremamente trabalhadora (...) Por que enquanto estamos sambando no carnaval, uma semana seguida, ou vendo copa do mundo comendo pipocas, tomando cerveja, e sabe-se lá o que mais... Ele está lá quietinho calculando os preços do nosso arroz e feijão de cada dia. E quando acabamos de nos esbanjar (você sabe muito bem que eu não estou mentindo!) reclamamos feito uns loucos dos preços! Vê se pode?!?! Bom, acho melhor para de rasgar ceda por aqui, primeiro que ele está 'corado de vergonha' e segundo que você pode se apaixonar por ele. Mas fique sabendo que seu coração já tem dono. Quem? Talvez daqui a uns... 100, 200, 300, 400 ou talvez 500 anos você saiba.*

*Hi! Acabou a luz! Cuidado Brasil para não tropeçar...''<sup>xxix</sup> (PP6)*

Intencionalmente, exibe-se esta longa citação com o objetivo de garantir a apreensão do tom passionalmente enfático, indignado, sarcástico que foi assumido por várias (destas) reflexões sobre o Brasil. E que, de sobremaneira, emerge representado por seus governos e/ou governantes, bem como estão subjacentes tópicas menções a outras instâncias constitucionais (dentre estas, a justiça) e sociais (por exemplo, seja educativa seja a alusão à imprensa na recente apreciação).

Se alguma 'nação brasileira' subjazeria expressivamente nestas descrições recolhidas, afigurar-se-ia mais como refém de governos, governantes, políticos, empresários inescrupulosos? E nela restaria ao povo quase se esvair na resistência passiva de seus sofrimentos? O que está sugerido desde os debates focais e nas composições individuais das (04) turmas universitárias observadas.

Ressurgem, portanto, pertinentes julgamentos deste imaginado 'personagem Brasil' ainda refletido em seu povo (tal aparece em vários segmentos representativos

indicados). E, neste caso, supõe-se até auto-referência coletiva – inclusão que nem sempre se verifica nas apreciações do conjunto universitário em tela:

*“Um dos papéis que ele desenvolve com mais frequência, é o da passividade, este sim, não nos deixa sair da condição de ‘vaquinhas de presépio, tornando-nos ‘eternamente’ incapazes de virar o jogo contra os poderosos” (PP7)*

Por outro lado, as questões que se segue identificando afiguram sensivelmente pautadas pelas notícias (mais ou menos) emergentes naquele momento de recolhimento destas descrições. O que foi notável nas expressões inventariadas nesta e noutras turmas observadas. Manifestam-se, pois, descontentamentos, insatisfações, acusações em turbilhões ou como assim parecem. São, então, pontuados muitos temas veiculados com frequência pelos meios de comunicação de massa, em particular, rádio e televisão (desde lutas político-sociais como as do MST – *Movimento dos Sem Terra* – até questões relativas a reajustes salariais, carestia etc.).

Tal constatação não elide o substrato sócio-ideológico, porquanto vivencial, que fundamenta a visibilidade destas temáticas na ‘cena identitária nacional’ e no ‘drama brasileiro’ em processo interpretado – isto é, no que diz respeito tanto à sociedade envolvente quanto aos sujeitos pesquisados. O que implica circunstanciá-las de modo relacional depreciado. Se não estariam tão explicitadas razões supostamente públicas nelas ventiladas, aparecem ao menos algumas que tendem a nortear opiniões do grande público e colaboram na conformação de seus ‘sentidos comuns’.

Não obstante, convém igualmente assinalar a dicotomizada tendência revelada pela inscrição de dualidades comparativas nas relações imagéticas presentes nestes esboços descritivos sobre o Brasil e/ou brasileiros. A composição a seguir emprega-a expressivamente e será, portanto, apresentada em sua inteireza<sup>xxx</sup>:

*“Diria que é belo, forte, poderoso e rico, mas é egoísta, poderia dizer que uma pessoa de dupla identidade, sempre tem uma face oculta.  
Mas posso dizer que o meu país é samba, é carnaval, é futebol, é praia, é calor, é sol ardente e sempre iluminado, é Rio de Janeiro, é ponte aérea, é rico de minas, das Minas Gerais, é turista e imigrante, é Amazônia, Fernando de Noronha e tantas outras mais. Ele é branco, é negro, índio e estrangeiro. É um políglota, um sábio, um louco talvez um cientista ou um filósofo.  
O Brasil parece uma criança que chora com as derrotas, esperneia e se desespera, mas se ganha algo novo, conquista o esperado ou avança nos seus sonhos; ri, pula, grita, faz cara de feliz e esquece o que passou e amanhã repete tudo de novo. O senhor Brasil é um verdadeiro contraste, tem muita riqueza e muita pobreza, muita água e muita sede, cheio de luzes, mas tem o apagão, cheio de gente boa, mas muito ladrão, grandes plantações e muita fome, fartura e desperdício,*

*doutores e analfabetos, grandes escritores e poucos leitores, várias culturais e as vezes nenhuma.*  
*Muito e pouco,*  
*Muito e pouco,*  
*Muito e pouco,*  
*Esse é o Brasil, que tem orgulho de ser*  
*BRASILEIRO.” (PP18)*

Cabe logo notar que se aventa a possibilidade de grupos humanos aquém da cultura (isto é, na contraposição: “*várias culturais e as vezes nenhuma*”), insinuando assim apropriações vulgares do termo porque restritivas aos portadores de um dado ‘saber escolarizado, erudito ou de elite’. Tal juízo teve também ocorrência em outras considerações do conjunto universitário estudado. Por exemplo, no tocante a certas representações relacionadas à problemática étnica (quesito pormenorizado noutro item desta pesquisa ora sumariada e que não está, em especial, sendo abarcado neste artigo). Ademais, se nesta redação (supracitada) pretensas inflexões quase ao estilo publicitário poderiam ser vislumbradas, suscitariam, entretanto, reconhecimentos antepostos nas condições negativas a sobrepujarem mais as positivas (isto é, nos sucessivos antagonismos expostos) e na sugestão irônica de seu fecho, o qual remeteria mais imediatamente ao anúncio “orgulho de ser brasileiro” de uma cadeia de supermercados – quem sabe?<sup>xxxii</sup>

Mas se algo de matizado aparece nestas apreciações este se dualiza em opostos extremados a descrever contraditórios brasileiros. Como se na resistência desses ‘dois Brasis’<sup>xxxii</sup> residisse em essência o país nativo – ‘terra de contrastes’<sup>xxxiii</sup>. De modo latente ou não, estariam surgindo imagens do Brasil especialmente destacadas ao longo da segunda metade do século XX? E não apenas em textos acadêmicos e jornalísticos, mas também em livros escolares (por exemplo, de estudos sociais) circundando assim certos tópicos curriculares ou neles se infiltrando pelos anos 60 afora...

O argumento dualista continua a estruturar com fôlego empírico, conceitual e até existencialmente identitário imaginações brasileiras. Mas se a dualidade tem vigência nesta compreensão nacional a mistura também o tem. Uma vez que no mínimo dois elementos são necessários para compô-la. Convém, portanto, interpelar: a quantas andam e desandam seus ingredientes? Logo, não se trata de simples paradoxos, mas sim da intrincada, complexa e dinâmica dialética do social...

Em relação às metáforas de Brasil – e não sendo um pode ser mais do que dois – não apenas com respeito à inevitável crítica as suas desigualdades socioeconômicas, mas, outrossim, projetar-se além e entendê-lo na positividade que a diversidade tem por configurar múltiplos e plurais. O que só pode ser viável pelo empenho questionador

sistemático como possibilidade de renovar complexidades a serem, contudo, confrontadas em continuidade às imagéticas geradas e às práticas nelas investidas (ou se quiser, por elas implementadas).

A partir dos posicionamentos explicitados já se pôde notar que existem aspectos dessa proposta “heterogeneidade do país” que nem sempre estão positivamente sugeridos nas composições destas normalistas. Seriam aqueles mais ou menos em sua historicidade intrincados em componentes ‘cultural-raciais’?

No debate focal realizado neste 5º período do curso Pedagogia então se anunciava: “... *heterogêneo, diferenças culturais que não batem de jeito nenhum, não forma unidade cultural. No sul, são europeus, na Bahia, africano, pensam diferentes...*”. Ou pondera-se ainda (dentre suas descrições colhidas) como “... *diversificado culturalmente e por isso não criou uma identidade sólida...*”.

Convém, portanto, discutir *quais e de que maneira* dimensões identitárias assomam nas representações destas graduandas e/ou professoras da turma pedagógica matriculada no 5º período. Dentre as (18) descrições inventariadas, 08 (44,44% ou próximo da metade) aludiram, direta ou indiretamente, a essa problematidade, recorrendo, todavia, a termos (mais ou menos) variados, mas que a ela se referem ou mantêm relação conceitual, tais como: o próprio vocábulo “identidade”, “personalidade”, “etnia”.

Nos exemplos apresentados verificam-se menções concernentes a traços deste ‘personagem Brasil’ bem como suas repercussões na condição de ‘ser brasileiro’. Rememora-se, pois, certas associações neles pontuadas: “crises psicológicas”, “conflito com suas identidades”, “volúvel e instável”, “sem nenhuma personalidade”, “dupla identidade”, “face oculta”, “várias identidades” etc.

Pode-se ainda observar que estas normalistas adotaram por vezes formas expressivas nas quais traziam narrativamente para si o ‘personagem Brasil’. Tal recurso ora aplicado com exclusividade a determinados segmentos enunciativos, ora na totalidade de suas descrições o que, no entanto, ocorreu na minoria dos casos. Numa ficcional incorporação ou personificação assentada no uso da primeira pessoa do singular, difusamente envolvendo temas da etnicidade e da personalidade:

*“Sou (...) jovem de apenas 500 anos de idade, ainda não sei qual é minha etnia, pois creio que a minha personalidade ainda não se formou, porém algumas características sei que tenho. Sou pobre não tenho dinheiro e ao mesmo tempo sou rico em beleza, sou um homem bonito, por isso vendo tudo que agrada aos meus colegas: vendo minha força de trabalho, vendo minha inteligência, vendo minha capacidade de enriquecer (...) Algumas vezes me descontrolo e torno-me agressivo, corrupto e ponho a culpa na pobreza, no desemprego e no meu relaxamento...” (PP12)*

*“Meu nome atualmente é Brasil, mas já tive outros antes desse. Nesse tempo de vida, sempre fui explorado pelos meus patrões, houve àqueles que se diziam meus donos, por isso também já fui escravo, sofri muito. Hoje que me ‘manda’ são meus ‘vizinhos’, pois estou muito endividado a muito tempo e nunca consigo pagá-los. Vivo um dilema até mesmo na minha formação. Meus ‘vizinhos’ sabem a qual etnia eles pertencem e se orgulham disso (...) Quem realmente sou? Só sei que tenho uma crise de identidade. Pertencço a várias famílias, oriundas de diferentes partes do mundo, que misturaram as minhas características, assim não sei qual é a minha cor, nem como são meus cabelos. Por isso sou discriminado por não ter ‘pedigree’ (...) As vezes me sinto como um cão abandonado e humilhado por todos...” (PP4)*

Permanecem, pois, no cotejamento de qualidades positivas e negativas. Por exemplo, o trecho descritivo recém-ilustrado, além de situar sentidos a discriminar à mistura ‘racial’, acrescenta, porém, outras ponderações que permitem certos resgates. Se não seria por bem estimar à formação histórico-demográfica nacional a qual se confronta a imaginária determinação ‘étnico-racial’ para o povo brasileiro, mas sim às sempre mencionadas riquezas naturais do país e a alegria de sua gente, dentre outras características:

*“Até agora, só falei das coisas ruins que me afligem. Só que confessarei um segredo. Eles pensam que eu não sei das minhas qualidades e capacidades (...) tenho uma grande herança, por isso, mesmo sendo explorado nesses anos todos, tenho muitas riquezas, muitas terras, muito verde, muita água, e modéstia a parte, sou muito bonito. E, tenho entre outras qualidades: A hospitalidade, pois quem visita a minha casa, sempre gosta e volta outra vez; Sou alegre e feliz, adoro festas, adoro dançar, adoro músicas, entre elas o samba é a que mais me atrai, por isso, adoro o carnaval; Também sou um grande atleta, e disputo várias modalidades, sou conhecido como rei do futebol, esse sem dúvida nenhuma é o meu maior triunfo, mas jogo vôlei, basquete, judô e no momento estou indo muito bem num esporte que é considerado dos meus vizinhos ricos: o tênis” (PP4)*

A previsibilidade comparativa no tocante ao conjunto de estudantes em exame prossegue na simultaneidade articulável ora de fragmentos informativos com respeito à história passada brasileira, os quais são no geral baseados em manuais escolares, ora de questões persistentes na atualidade tais como: a “dívida externa” provavelmente suscitada pelo noticiário televisivo (conforme já notado noutros temas listados por estas normalistas).

Todavia, estes elementos são com difusividade combinados a tópicos de discussões políticas e acadêmicas, seja nas presumíveis alusões feitas na forma indireta aos Estados Unidos da América (“vizinhos ricos” dentre outras), seja nas presentes

divulgações na área pedagógica sobre a problematidade identitária e que os termos citados por essas graduandas pontilham: “crise de identidade”, “etnia” “discriminação” etc.

Se, de um lado, inspirariam suas manifestações algo de vacuidades nos repertórios exibidos em função de inconsistências tanto político-ideológicas quanto cognitivas, de outro, topicamente emergem expressões alusivas a tensões atuais valorativas e comportamentais reportadas ao contexto brasileiro.

Entretanto, visando aclarar o arcabouço conceitual o qual respalda a proposição dessa (referida) carência de consistência na articulação de temáticas marcadamente politizadas; caberia então considerar o que várias análises na sociologia e na ciência política têm assinalado a respeito das crenças do “grande público”.

Indicam, pois: não se deve esperar consistência rigorosa nessas maneiras de apropriação quanto à “idéias elementos chaves” que estariam, por definição, incorporadas a determinadas concepções filosófico-políticas. Isto é, no tocante as suas percepções de constrangimentos sistêmicos nelas propostos (dentre outros, Converse, *op.cit.*; Parkin, *op.cit.*; Mann, **op.cit.**).

Por exemplo, caso alguém afirme um dado ‘valor A’ não ocorrerá como decorrência obrigatória sua assunção do ‘valor a 1’ que está estruturalmente subordinado aquele e, portanto, nele condensado. Porque múltiplos fatores são interferentes: experiência, informação, contexto da ação etc. Resulta, portanto, a configuração de repertórios de valores com baixo grau de “consistência” e de “compromisso” com respeito a idéias genéricas que sinalizam modelos de ordenação da ‘realidade’ (cf. Maranhão, 1990, pp. 223-224).

Malgrado arrisca-se comentar. Mas, o que parece absoluto notar concerne às apreensões sob exame no que ficam a dever. Quer dizer, estão bem aquém do que se propõe política, ética e epistemologicamente na discussão contemporânea sobre processos de construção identitária. E, portanto, alheias a indissociáveis diferenciações que ainda os compõem, matizam e recompõem em identificabilidades ou não. Assim como denotam precária criticidade na tensionada qualificação da natureza das diversificações (de ordem socioeconômicas e/ou culturais etc.) – as quais são imbricadas complexidades entre diferenciáveis produzidos enquanto discriminações positivas e/ou negativas.

Na medida que se tratam de normalistas que já percorreram a metade da graduação pedagógica seria demasiado imaginar questionamentos situados pouco mais além de débeis ou vagas repetições de clichês discursivos intuídos como política e academicamente corretos?

Será que simples banalizações potencializariam consistentes admissões e por isso reflexivos compartilhamentos da heterogeneidade cultural? Entendida enquanto não apenas fato sociológico irrefutável, mas também pelo imperativo ético nela imbricado porque empiricamente evidenciado na própria existência da diversidade humana, o que, portanto, assenta sua essencial universalidade.

Ou ainda será que meras trivialidades bastariam ao alargamento de investimentos críticos à iniquidade socioeconômica? Como se sabe, trata-se de resultante sistêmica inalienável e indispensável à compreensão das complexas relações envolvidas em tantas práticas discriminatórias.

Em face dos vários posicionamentos sugeridos por estas professoras – majoritariamente atuando no ensino fundamental e complementando formação pedagógica universitária – inquietantes dúvidas resistem cabíveis...

Pois, segundo as imagéticas por elas produzidas, seria plausível intuir: as dimensões grupais ou coletivas das identidades deveriam estar acompanhadas de supostas “homogeneidades” mormente ‘raciais’, conforme vem sendo com relativa recorrência indicado em suas enunciações.

Se, de um lado, avaliações referidas ao “conflito”, à ‘volubilidade e instabilidade’, à ‘duplicidade e multiplicidade’ etc. envolvem ainda suas percepções na identificabilidade de o Brasil e/ou brasileiros. De outro, o fato de sobremaneira acionarem (tão explícito ou não) tais balizadores – homogeneidade e “raça” e/ou heterogeneidade e “conflito” – leva-as a reconhecerem “a mistura nacional” como se fosse algum complicador identitário.

O que nem sempre ocorreu em vários casos ao se apreciar ‘pertencas étnicas’ afirmando-se na mescla de “raças” a presunção numa “etnia brasileira”, por exemplo: “*Sim. Por causa das misturas de raças que existem no país*”; “*Pertenço a etnia da mistura de raças (negro com branco)*”. Assertivas estas que sumarizam a singeleza deste contraditório que também estaria sustentado numa experiência histórico-social em que processos de reconhecimento pessoal ou grupal são fortemente influenciados pela “*ideologia racial às avessas*” (cf. Da Matta, 1981).

Contudo, se desde o viés ‘raça-cultura e vice-versa’, passa-se ao de ‘raça-etnia e vice-versa’, não se afiguraria, porém, tão compatível nessas visões ora cotejadas quando os relacionam em suas imagens identitárias nacionais. E não é que os tenham criticamente apreendido levando-as a apartar em definitivo de suas imagéticas o resistente marcador ‘racial’ porque tivessem, de fato, apercebido tanto imbricados equívocos a questionar quanto as identificabilidades em suas complexidades. Mas assemelha justo o contrário, uma vez que tendem avaliar a ‘miscigenação’ como provedora de ‘heterogeneidades’



que seriam entendidas como problemáticas. Enfim, a “raça” persiste paradigmática nestas interpretações do Brasil e nas suas reiteradas imagéticas brasileiras.

Se bem que expectativas de alterações ou até mudanças valorativas nas formas de articulação possam ser nutridas ao longo do processo em que “raça” incorporou acessoriamente a cultura e/ou etnia, isto é, a potencializarem relativos questionamentos éticos, políticos, epistemológicos deste parâmetro bem como fomentarem eventuais reflexos atitudinais – estimuladores de reorientações nas práticas comportamentais.

Todavia, tais enfoques discentes observados justificam interpelar no tocante a sua precária compreensibilidade (teórico-conceitual e empírica) desta problemática englobada na questão identitária. Assim, o que estaria a transparecer em certas representações expressadas por estas professoras, considerando-se mais especificamente a tarefa de sua formação em nível superior?

Não se tem investido, de maneira satisfatória, na transmissão e, portanto, sequer promovido, com relativa clareza, a assimilação de concepções essenciais à compreensão de fatos sociológicos intrínsecos aos processos constitutivos da identidade – ou se quiser, sua fenomênica psicoantropológica. Os quais envolvem a cultura(s) esse ente coletivo e, portanto, plural em dialetizações (quer pessoais quer sociais) entre homogeneidades e heterogeneidades a compor identificações e diferenciações.

E nessas evocações discentes – classificáveis de expressões de “sentos comuns aos imaginários brasileiros” – é interessante notar que emergem marcantes entonações de intensidade afetiva: desde a crítica passional passando por sentimentais restrições ou até repreensões.

Mas, seguindo na questão identitária nacional, encontram-se ainda outros matizes nos quais às ‘heterogeneidades’ criticadas referem-se mais explicitamente às desigualdades socioeconômicas e às ações governamentais que prejudicam “direitos” dos brasileiros:

*“O descreveria como uma pessoa sem personalidade, que aceita influências que agridem sua condição e padrão de vida, discursiva e não pratica fortalecendo o ditado popular. ‘Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço’. Este ser usa como pretexto de cortar gastos, a venda de direitos históricos da população, direitos esses que foram conseguidos com muita luta pelo povo. Esta pessoa por vezes se mostra heterogêna, disfarçando o seu eu. ‘Brasil mostra a sua cara’ ”*  
(PP14)

Mesclam-se previsíveis semicontra pontos às imagéticas que pontilham desde “crise” até quaisquer depreciações no âmbito identitário coletivo. E não surpreendem porque estas percepções focalizadas comportam sempre ajustadas gradações entre valorizações

e desvalorizações, o que permite, portanto, situar revalorizações – por exemplo, às vezes, concernentes aos brasileiros.

Entretanto, se ‘máscaras’ envolveriam o Brasil e seu povo “sofrido” resultariam também da maneira dos “governantes” nesta relação e da atuação dos ‘poderosos’ no país:

*“O Brasil seria alguém de temperamento forte e que ainda não desenvolveu todo a sua capacidade de lutar pelos seus direitos. Nele se abrigam diversas características devido a formação da sua população e também da forma como os seus governantes se relacionam com a população. Um gigante em potencial porém necessitando de maior conscientização dos direitos e dos deveres de seus cidadãos e da própria consciência do que vem a ser cidadania. Um ser precisando de resgatar com dignidade o seu passado, aceitando sua condição tal como é e buscando; ao viver sendo comparado com outras nações mais desenvolvidas estimula-se e incentiva-se ao povo a não amar e não criar raízes fecundas em busca de um maior desenvolvimento e igualdades sociais. Por vezes percebemos um país mascarado onde uns poucos, porém significativos por deterem o ‘poder’, usufruem de uma terra tão bela e tão cheia de riquezas naturais e outros tantos vivem marginalizados e desejosos de mais oportunidade de melhorias de condição de vida. Brasil de uma população bem alegre porém sofrida por não acreditar que o futuro é construído agora e que não depende do outro e sim que cada um valorize o seu voto, o seu espaço, o seu lugar na sociedade” (PP13)*

Se houve poucas composições que recorreram ao recurso expressivo de incorporar narrativamente o ‘personagem Brasil’ (no uso da primeira pessoa do singular); de modo geral, as demais o descrevem mantendo a relatividade do posicionamento contido na questão-mote. Empregam, pois, a terceira pessoa do singular (seja o Brasil seja o povo seja a população brasileira). No entanto, dependendo do contexto enunciativo, podem agregar plurais referidos aos: “brasileiros”, “políticos”, “governantes”, “ricos”, “pobres” etc. Nessas circunstâncias as imagens identitárias estão mais relacionadas a estes sujeitos enquanto ‘coletivos’, isto é, pelas críticas ou não a eles dirigidas nestas apreciações.

Os persistentes focos descritivos na política ou atuação governamental e nos “políticos” ou “governantes” permitem vislumbrar certa dicotomia entre “Eles” (políticos e governantes – ‘donos do poder’<sup>xxxiv</sup>) e “Nós” (povo, população ou brasileiros – à margem deste poder). Possibilita cogitar sobre o quanto exprimiria a respeito da relação entre Estado e Nação ou Sociedade a qual tem sido sociologicamente discutida no tocante a estruturação histórico-jurídica do ordenamento político e social brasileiro. Estado concebido e organizado em relativo apartamento da formação societária – ou seja, daquela posicionada além das elites dirigentes e

econômicas as quais o instituíram, ocuparam e, portanto, dele se apossaram e projetaram-no como algo que em si ‘conteria’, por assim dizer, a nacionalidade.

Ademais, contribuições voltadas ao resgate do processo de configuração imaginária ‘nacional-brasileira’ têm igualmente ponderado: “*País construído a partir da ação do Estado, as imagens da nação brasileira variaram ao longo do tempo, de acordo com as visões da elite ou de seus setores dominantes...*”. Assim: “... *Em nenhuma o povo fez parte da construção da imagem nacional. Eram nações apenas imaginadas...*” (CARVALHO, 1994, pp. 7 e 34).

Por seu turno, muitos são os encaminhamentos discursivos sob exame que conformam, de modo mais ou menos subjacente, anteposições, antagonismos ou oposições as quais podem ser representadas entre ‘Estado versus Sociedade’ ou ‘Governo versus Nação’ – sendo os primeiros “Eles” e os últimos “Nós”: desde o “povo brasileiro” enquanto entidade abrangente até evidentemente a inclusão manifestada ou não pelos sujeitos pesquisados de si mesmos. Ou seja, dessas normalistas bem como demais universitários/as estudados porque foi tendência também verificada nos debates focais e nas descrições recolhidas nas outras turmas.

Assim, poder-se-ia reconhecer nestas imagens discentes (mais ou menos) desencontrados no mínimo ‘dois Brasis’. Ora se considera o ‘Brasil deles’ (“políticos, governantes, ricos, empresários” etc.), ora o ‘Brasil de nós’ (“povo, população, pobres, marginalizados, brasileiros” etc.) como aquele cotidianamente experimentado pelos submetidos a este poder (‘deles’) e suas conseqüências. E em quais e quantos ‘nós’ se estaria ou não a amarrar ou a enrolar? Pois quando se confrontam efeitos dessa relação antitética apor como ‘Brasil nosso’ ou ‘nosso Brasil’ não condiria tanto nesses termos representativos então cotejados.

Mas se aí não conviria, ajustar-se-ia, porém, ser ‘nosso Brasil’: aquele de “belezas e riquezas naturais” e com um povo malgrado “sofrido” mostra-se “feliz, alegre, hospitaleiro” etc. Seria esse *tertius* na equação dos “Brasis” que num acercar inventivo quase *terso* de singeleza persiste a se resgatar em triviais engenhosidades que lhes parecem, contudo, singularidades?

Daí, se estas qualidades positivas referidas – quer a natureza quer a um imaginado ‘caráter’ do povo – propiciariam tal sentimento de compartilhamento identitário – sua efetiva factibilidade. Persistem, no entanto, interfaces criticamente negativas quanto a essa mesma ‘gente brasileira’: seja aqueles pertencentes às elites dirigentes seja a “cidadania”.

Outras cogitações plausíveis poder-se-iam situar nestas contraposições “Eles” e “Nós” – mais particularizadas, neste caso, nas confrontadas imagéticas entre “políticos e governantes” versus “povo” – quando se considera a organização institucional

democrática vigente. Vale, pois, atentar: ainda não se tornou tão genérico que os grupos sociais foquem privilegiadamente “... suas mútuas oposições recorrendo à mediação dos embates políticos e da linguagem correspondente (nós e nossos representantes versus eles e seus representantes)...”. Entretanto, “... inversamente, como é freqüente que se oponham, em conjunto, neutralizando suas diferenças, aos políticos em sua globalidade, quando não à política (nós, ‘o povo’, contra eles, ‘os políticos’)...” (SOARES, 1989, pp. 8-9).

Se bem que concepções ou noções fragmentárias de discursos politizados e de suas linguagens pontilhem a maioria das descrições discentes em pauta, o quadro geral delineado opõe-se (pelo menos tendia naquela conjuntura histórica) aos “políticos” (não acentuando tão diferenciáveis dentre eles), que se mesclam assim ao “governo” e/ou “governantes”.

Anota-se sumariamente: a conjuntura em questão concerne ao penúltimo ano do segundo mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso e traz, portanto, às implicações da hegemonia neoliberal no contexto de intensas inovações tecnológicas incidentes sobre os sistemas produtivos mundiais. Enfim, a ação de políticas econômicas de teor excludente, em especial, verificável no agravamento do desemprego – por exemplo, no Brasil, sobretudo ao longo dos anos 90 até o presente momento. E seus virulentos efeitos sobre sociedades com perfis históricos de intensa concentração das riquezas produzidas, como a brasileira notoriamente comprometida por acentuadas desigualdades distributivas.

E essa ordem de iniquidades agrava-se envolvendo cada vez mais segmentos por suposto médios afetando-nos na busca de seus projetos ascensionais socioeconômicos – ou seja, está indo mais além dos setores empobrecidos ou ainda que sempre imersos na pobreza têm tido seus passados, presentes e futuros historicamente penalizados. Ao que se pode presumir: os sujeitos em estudo possuiriam pertença de ‘classe’ nos estratos intermediários, os quais vêm se deparando nos últimos anos com crescentes constrangimentos nas suas estratégias de sobrevivência não apenas laboral, mas de permanência de seus planos de vida, assentados em perspectivas concebidas segundo tal trajetória de ‘classe média’.

Por outro lado, temáticas relativas, por assim dizer, aos ‘auto-estimas coletivas’ e que são manifestadas nas imagéticas brasileiras persistem ao longo da história nacional. Ora esses dilemas podem apresentar-se mais aplacados nos reconhecimentos de potencialidades e até de qualidades a resgatar, ora recrudescem com força a vislumbrar tantos impasses.

Desde a última década do século passado, com exacerbadas e truculentas políticas neoliberais, bem como transformações socioculturais decorrentes da intensificação da

‘globalização midiática’ parecem, pois, contribuir para enredar mais essa ‘trama do drama brasileiro’; trazendo, então, reflexões em que dimensões afeitas aos imaginários vão sugerindo componentes significativos a desenhar certa inteligibilidade nesta ‘cena nacional’ sempre a desenrolar (ou não?) seu reencenar...

Seguem perplexidades e indignações em face deste presente a interpelar: quais heranças estariam a nutrir desesperanças? E, não apenas concordam com o que tem sido associado à situação econômica nacional, mas alargam mais seu alcance ao afirmarem: “... *esses dez anos de hegemonia neoliberal (...) deixaram de fato uma herança maldita. Mas em outro nível. No nível do nosso imaginário (...) da nossa capacidade de sonhar (...) do nosso reconhecimento sobre nós mesmos...*” (BENJAMIN, 2003). Deste modo, problematizou César Benjamim na sagacidade de questionar a hora atravessada pelo país. Insistem, portanto, inquietações brasileiras afora...

Mas, quanto ao conjunto universitário estudado: quais sumos se podem extrair? E estas considerações valem, em seus termos gerais, não apenas para as normalistas inscritas na graduação de pedagogia como para demais turmas pesquisadas.

Notou-se a exacerbação de componentes informativos fortemente pautados pelos meios de comunicação de massa. Tais elementos estão, porém, combinados a fragmentos de certos repertórios politizados ou acadêmicos difusamente incorporados (como problemáticas identitárias, dentre outras).

Foram, igualmente, observadas escassas variações temáticas. Se estas normalistas arrolaram copiosamente e copiaram entre si questões emergentes na discussão coletiva empreendida (debate focal) assomariam daí indícios de restritos repertórios associativos quanto ao tema em tela – vale dizer informativo-cognitivos para refletir o Brasil e/ou brasileiros e, portanto, problematizá-los além das ordinárias imagens que os circundam.

Fantasmagorias ou não relacionadas nas imagéticas brasileiras persistem sendo, contudo, sempre reatualizadas. Na mescla liquidificada de informações midiáticas e escolares, ‘mazelas da nacionalidade’ insistem vivenciadas...

Ora enquadradas sob referenciais pretéritos no presente – em processo de constituição, mormente, desde meados do século XIX – ora incorporando tantas reinterpretações forjadas ao longo do século XX e, portanto, atualizando (mais ou menos) visões de Brasil e/ou brasileiros: da sociedade, do poder ou ainda das suas políticas. Outrossim, de ‘dois Brasis contrastados’ aventam-se tópicos ‘bricolages’ implicitamente remissivas a certas interpretações sociológicas em particular aceitas e ventiladas a partir da segunda metade do século passado.

Subsistem, todavia, imbricadas, complicadas e ambíguas dinâmicas entre apreciação e depreciação da coletividade nacional, mas, por mais estranheza que possa suscitar de enviesada aparência, afiguram quase extenuado esforço de apesar de tudo seguir resistindo e assim reinventando-se...

### *Referências*

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London, Verso, 1983.
- ARRUDA, Ângela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: A. ARRUDA (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BASTIDE, Roger. *Brasil: Terra de contrastes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília. MEC/SEF, 1998.
- BENJAMIN, César. A verdadeira herança maldita. In: *Seminário Um ano de Governo Lula: balanço e perspectivas*, UERJ (palestra proferida 04/12/03 e texto divulgado pela Internet), 2003.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão, São Paulo: EDUSP, 1998.
- \_\_\_\_\_. Notícias recentes sobre hibridação. *Seminário Artelatina. Entrevista ao Jornal da UFRJ*, ano 2, n. 10. nov., 2000.
- CANEN, Ana. Competência pedagógica e pluralidade cultural: eixo na formação de professores? *Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas*, n. 102, p. 89-107, 1997.
- \_\_\_\_\_. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. *21ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anais ANPED e meio digital/disquete)*, Caxambu, MG, 1998.
- CANEN, Ana et. al. *Pesquisando multiculturalismo e educação: O que dizem as dissertações e teses. 23ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anais ANPED e CD-ROM)*, Caxambu, MG, 2000.
- CARVALHO, José Murilo. *Brasil: nações imaginadas*. *Antropolítica: Revista de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, UFF, n. 1, 1994.

- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics. In: D.E. APTER (Ed.), *Ideology and Discontent*, Glencoe: The Free Press, 1964.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUNHA, Manuela C. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: CUNHA et al. (Org.). *Índio e a cidadania*, São Paulo: Brasiliense/Comissão Pró-Índio, 1983.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 2 vols., 3. Ed., rev. Porto Alegre: Globo, 1976.
- FREYRE, Gilberto, (1933). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONÇALVES, Luiz Alberto O.; GONÇALVES E SILVA, Petronilha B. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- \_\_\_\_\_. Centralidade da cultura. *Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. Rio de Janeiro: MEC, 1959.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira (4ª edição definitiva, com introdução de Alfredo Bosi), 1983.
- MANN, Michael. The social cohesion of liberal democracy. *American Sociological Review*, v. 35, n. 3, p.423-437, 1970.
- MARANHÃO, Helena S. Ponce. *Trançando discursos: pobreza, política, sociedade*. Rio de Janeiro, IUPERJ, Tese de Mestrado em Ciência Política, 1990 (303 p).
- \_\_\_\_\_. *Trançando discursos: pobreza, política, sociedade (Síntese da Tese de Mestrado)*. In: MARANHÃO (Org.), *Cadernos de Memória Cultural 2*, Rio de Janeiro: Museu da República, p. 110-119, out.1996/mar.1997/, 1996.

- \_\_\_\_\_. A diversidade e seus sentidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental: questões prévias. In: Teias – Faculdade de Educação – UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p.20-29, jul./dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. Das 'reinações globais' no 'público': notas sobre o Projeto Amigos da Escola. In: CD ROM e Portal (site/homepage) 24a ANPED (GT: Sociologia da Educação). Caxambu, set. 2001.
- \_\_\_\_\_. Imaginários, simbolismos, representações sociais: em busca de suas retraduzões conceituais. In: III JORNADA INTERNACIONAL E I CONFERÊNCIA BRASILEIRA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 2003, Rio de Janeiro. CD-ROM Anais III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, 2003. p. 925-944.
- \_\_\_\_\_. Brasis brasileiros: metáforas e descrições. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Educação, UFRJ, 2004 (256 p).
- MENEZES, Fernando, (2002). Dívida externa: índio surpreende chefes na Reunião de Cúpula. In: JCOonline, 21/05/02.
- MOREIRA, Antonio Flavio B. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 18, p.65-81, 2001.
- NINA RODRIGUES, R. As raças humanas e a responsabilidade penal. Rio de Janeiro: Guanabara, s.d.
- \_\_\_\_\_. L'animisme fétichiste de nègres de Bahia. Paris, 1890.
- \_\_\_\_\_. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945.
- ORLANDI, Eni P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PARKIN, Frank. Class inequality and political order social: stratification in capitalist and comunist societies. New Yorker: Praeger, 1975.
- RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- \_\_\_\_\_. Os brasileiros: teoria do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROMERO, Sílvio. (1871). O caráter nacional e as origens do povo brasileiro. In: MENDONÇA, Carlos Sussekind de. Sílvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.
- SARUP, Madam Hogar, Identidad y educación. In: Volver a pensar la educación (v. I), Política, Educación y Sociedad (Congresso Internacional de Didáctica), Colección Educación Crítica, Galícia, Fundación Paideia, Ediciones Morata, 1995.



SOARES, Luiz Eduardo. SOS democracia: o golpe eleitoral e o sono dos justos. Cadernos de Conjuntura 5, IUPERJ, 1989.

VIANNA, Oliveira. Evolução do povo brasileiro. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

\_\_\_\_\_. Instituições políticas brasileiras (primeiro volume): fundamentos sociais do Estado (Direito Público e Cultura). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Apresentado ao Conselho Editorial em 11/12/2006 aprovado em 25/04/2007.

---

<sup>i</sup> Indagação proposta pela autora desta pesquisa que trabalhava como professora contratada, no 1º semestre de 2001, na unidade de ensino público superior que serviu de lócus para esta investigação.

<sup>ii</sup> Ou seja, como professores/as na educação infantil e/ou no ensino fundamental – estivessem inscritos seja nos cursos de Pedagogia seja nos de Licenciatura.

<sup>iii</sup> Sobre esta extensa bibliografia e apenas considerando a produção brasileira voltada à questão educacional, cito, as seguintes sistematizações: Canen (1997; 1998); Gonçalves e Silva (1998); Canen et. al. (2000) e Moreira (2001).

<sup>iv</sup> Em relação ao indissociável par analítico, acrescentem-se como referências certas sistematizações conceituais: Woodward (2000); Hall (2000); Maranhão (1990; 1996; 2003; 2004).

<sup>v</sup> De início ainda europeia, seguida de asiática e desde a segunda metade do século XX hispano-americana. Entretanto, por volta dos anos 1980 em diante, tal atração migratória decorrente das estruturais crises cíclicas do capitalismo que persistem (até os dias presentes) brutalmente penalizando países da América Latina permite também incluir (ou seja, nesse movimento em busca de trabalho e de melhores rendimentos em direção à economia hegemônica) brasileiros; enfim, mais ibero-americanos que migram, outrossim, movidos pela imaginária do “*sonho americano*” como “*way of life*”.

<sup>vi</sup> Como atividade extraclasse e, portanto, após a realização do grupo focal.

<sup>vii</sup> De 03 anos para cada segmentação arbitrada nesta escala a partir de 18 anos – idade mínima registrada com ocorrência somente nas 02 turmas de Licenciatura em Letras.

<sup>viii</sup> As descrições confeccionadas em sua maioria na forma de prosa serão, em geral, transcritas por meio de fragmentos das idéias privilegiadas nelas expostas, independentemente da indicação dos parágrafos inscritos. Na medida em que tal pontuação num *stricto sensu* não compromete a apreensão dos contextos significativos sob exame. Entretanto, não foram retificadas incorreções de ordem gramatical e ortográfica verificáveis.

<sup>ix</sup> Isto é, relativas a aspectos pessoais (sexo, idade, ocupação etc.) que foram levantados junto ao grupo universitário pesquisado.

<sup>x</sup> Esta notação é apenas uma indicação para distinguir as descrições elaboradas por estas normalistas e assim acompanhará cada exemplo apresentado.

<sup>xi</sup> De um Buarque de Holanda a outro na disseminação metaforizada: de Sérgio a Chico.

<sup>xii</sup> Extratos da Carta de Caminha a ‘*El Rei D. Manuel*’ – datada de 01/05/1500 (apud: Leite op. cit. p. 156 e [www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html](http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html) – edição de referência: Dominus, SP, 1963).

<sup>xiii</sup> “*Porque me Ufano do Meu País*”, livro que foi publicado em 1900.

---

<sup>xiv</sup> Conforme comenta Leite (op. cit.) a respeito da presença deste estilo em certas produções imagéticas nacional-brasileiras.

<sup>xv</sup> Isto é, estão obviamente excluídas desta categorização: as 02 apreciações recém-contempladas as quais assinalam com prevalência positividade, assim como a única composição na qual negatividades são sobrelevadas e que será a seguir considerada; uma vez que não dosam em nuances ou nem graduam tanto suas ponderações.

<sup>xvi</sup> Em várias apreciações surge à referência aos ditos “500 anos” da chegada das caravelas portuguesas, comandadas por Pedro Álvares Cabral, às terras que vieram a receber o nome de Brasil, enfim, o chamado “Descobrimento do Brasil” – o qual foi comemorado no ano 2000. A repetição desses “500 anos” nas descrições colhidas decorre sobremaneira porque a pesquisa realizou-se no ano imediatamente a seguir, isto é, logo no 1º semestre de 2001.

<sup>xvii</sup> A notória referência a metáforas bíblicas resultaria desta aluna declarar-se evangélica? Por outro lado, remete-se indiretamente a “pátria amada, gentil, idolatrada” do hino brasileiro, ao “jeitinho” etc. Parece ainda insinuar a recente emigração de brasileiros/as em busca de oportunidades ocupacionais e/ou de ascensão econômica em outros países.

<sup>xviii</sup> Sabidamente idéia disseminada por ações e estudos ambientalistas que são, de uma ou outra maneira, veiculados pela mídia.

<sup>xix</sup> O símbolo → é para reproduzir obviamente a seta que foi a notação utilizada por esta graduanda. Visa-se, assim, preservar o quanto possível à transcrição dos recursos gráficos e ortográficos empregados.

<sup>xx</sup> Conforme anotado em estudo exploratório sobre esta atração ‘global’ a partir da observação de reunião da equipe da Rede Globo responsável pela divulgação do “Amigos da Escola” com 113 diretoras (es) de escolas vinculadas à Coordenação Regional de Educação – 2ª CRE (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro): “*Presenciei, na reunião da equipe da organização Globo com a 2ª CRE, o representante de o ‘Canal Futura’ sugerir animadamente que as diretoras e professoras são as melhores ‘garotas-propaganda’ desta programação...*” (Maranhão, 2001, p.3).

<sup>xxi</sup> Numa sugestiva da licença poética de Caetano Veloso.

<sup>xxii</sup> Isto é, de acordo as categorizações propostas na disposição descritivo-analítica delineada por esta pesquisadora.

<sup>xxiii</sup> Neste caso, mantém-se a indicação de parágrafo para favorecer a leitura.

<sup>xxiv</sup> Os termos “colônia” e “exploram” foram propositalmente rasurados para ironizar e sugerir, como galhofa, certo equívoco e em seguida colocou-se outros de menor contundência ou mais amenos, reforçando assim o sarcasmo que perpassa esta descrição.

<sup>xxv</sup> Apenas pontilha adesão à simplificada associação entre pobreza e clima semi-árido de áreas do nordeste brasileiro – a qual tem sido por muitos aceita e estendida costumeiramente e de modo acrítico para explicar qualquer iniquidade social relacionada a esta região do país.

<sup>xxvi</sup> A referência a “vagabundos” relaciona-se à declaração do então presidente Fernando Henrique Cardoso (no contexto das discussões sobre a “reforma da previdência” realizada em 1998) criticando aqueles que, para ele, estavam se aposentando cedo.

<sup>xxvii</sup> Refere-se à ‘personagem-televisiva’ (caricatura performática sadomasoquista) assim nomeada e faz trocadilho com o costume de chamar professora de ‘tia’ que se generalizou, sobretudo no ensino fundamental, nas escolas brasileiras (mais ou menos a partir dos anos 70).

<sup>xxviii</sup> Alude ao desabamento de prédios construídos pela incorporadora Sersan de propriedade de Sergio Naya ocorridos na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, em fevereiro de 1998; bem como ao assassinato da jornalista Sandra Gomide, sendo o acusado seu namorado (também jornalista e ex-diretor de redação do jornal *O Estado de São Paulo*) Antonio Pimenta Neves, sucedido em São Paulo, agosto de 2000. Ambos casos em processo na justiça e com intensa cobertura noticiosa.

<sup>xxix</sup> Conforme já observado, o material empírico foi recolhido no 1º semestre de 2001. Neste período (mais precisamente no mês de junho) teve início o racionamento nacional de energia. Portanto, tal discussão e as críticas ao modo como o governo federal vinha conduzindo a política energética, a carência ou ausência de investimentos, bem como a venda do setor elétrico nacional aos capitais multinacionais eram questões relativamente presentes na mídia (porém por mais críticas à crise

---

energética, menos à privatização). Ao mesmo tempo, a população estava sentindo os primeiros constrangimentos provocados pelo plano governamental destinado a racionar eletricidade – o chamado “apagão”.

<sup>xxx</sup> Assim como em relativa conformidade ao arranjo formal utilizado por esta aluna na apresentação de sua redação.

<sup>xxxi</sup> Ou seja, a propaganda dos Supermercados Extra com divulgação pelo ano de 2001.

<sup>xxxii</sup> Recorda-se apenas que a disseminação da interpretação focada no dualismo estrutural da sociedade brasileira, isto é, de sua formação socioeconômica vem, mormente, desde os anos 50 e tem na contribuição de Lambert (1959) especial referência.

<sup>xxxiii</sup> Lembra-se ainda a difundida análise de Bastide (2000) sobre a diversidade brasileira voltada à compreensão de seu ‘dinamismo’ sociocultural, publicada em 1957.

<sup>xxxiv</sup> Numa sintética metáfora a aludir a análise de Faoro (1976).

\* Este artigo condensa alguns itens da tese de doutorado em Educação intitulada: *Brasis Brasileiros: metáforas e descrições* (Maranhão, UFRJ, 2004, 256 pp.).